

# Traços de Oswaldo Cruz

## Justificação.

Depois que RUY BARBOSA pronunciou aquelle celebre discurso sobre a vida publica do fundador da medicina experimental no Brasil, seria um crime de lesa-magestade retomar alguém o mesmo assumpto, si não estivesse ainda por escrever a biographia completa de OSWALDO CRUZ.

Do attentado ora commettido nestas paginas é principal auctor o Dr. CARLOS CHAGAS, que com a aggravante da superioridade jerarchica determinou ao seu subordinado que dêsse á publicidade alguns episodios e impressões relativos ao creador desta Casa. O mandatario disciplinado procurou cumprir o seu dever, mas manda a verdade declarar que o fez com todas as véras, embora lamentando a falta de attributos para tal empresa.

E não ha nisso falsa modestia.

A individualidade de OSWALDO CRUZ difficilmente achará quem a retrace em todas as suas linhas primorosas. Neste seculo de especializações cada vez mais aprofundadas, onde encon-

trar o escriptor impecavel, com fóros de scientista e philosopho, afeito a estudos de arte e de psychologia, sonhador, moralista, etc., capaz de analysar e em seguida resumir tão complexa personalidade?

Ante taes embaraços, parece que o Director do Instituto resolveu designar um funcionario antigo para redigir seu depoimento pessoal, com a sinceridade que era licito esperar de quem só conhece motivos para venerar a memoria do seu bemfeitor.

Recáia, pois, sobre o verdadeiro responsavel a culpa de todas as imperfeições deste trabalho.

Devemos, porém, avisar aos simples curiosos que este singelo artigo não tem feição scientifica. E' apenas uma serie desconnexa de apreciações e factos escriptos a esmo, sem sequer a ordem chronologica. É um mero subsidio para a futura biographia, que, felizmente, competirá a outras mãos. É, em summa, um pequeno album de instantaneos onde houve a intenção de pôr em relevo certos traços caracteristicos do homem.

Os sabios, os criticos, os espiritos altamente differenciados não deverão pousar nem um momento os seus olhos sobre estas debeis linhas, destinadas tão sómente aos corações voltados para o bem, os quaes talvez aqui deparem ensinamentos uteis.

Ahi está, portanto, o objectivo deste opusculo: commemorando o primeiro centenario da independencia politica do Brasil, apresentar ás novas gerações alguns aspectos de um modelo de bellas virtudes varonis.

A todos aquelles que nos prestaram dedicados auxilios, seja-nos permittido consignar muitos e cordiaes agradecimentos.

Bello Horizonte, 30 de Agosto de 1922.

### I—Lapidarios.

"É uma verdade, que ainda não chegou ao dominio commum, que o ultimo grau de desenvolvimento mental em cada homem e em cada mulher só pode ser conquistado no desempenho dos deveres paternaes. Quando esta verdade fór reconhecida, ver-se-ha então quam admiravel é a lei que obriga os seres humanos, pelas suas affeições mais fortes a sujeitar-se, elles mesmos a uma disciplina que por outra qualquer fórma evitariam."

Herbert Spencer—"Educação intellectual moral e physica", trad. de E. d'Oliveira—Porto.

OSWALDO CRUZ era profundamente religioso; mas tinha uma religião sem ritos, entretecida apenas no intimo do coração.

Comtudo, quem procurasse estudar-lhe a complexidade psychica, talvez aparentemente feita de imprevisto e contradicções, havia de vislumbrar, vagamente entrelaçados numa caligem de poetico mysticano, sub-conscientemente confundidos no mesmo culto, o nome de Deus e a imagem paterna.

Que influencia, que puder extranho exercera sobre o sabio o vulto longinquo de seu Pae?

Seu Pae, Dr. BENTO GONÇALVES CRUZ, falleceu no mesmo anno em que o filho se doutorou. Sua Mãe, D. AMALIA DE BULHÕES CRUZ, permaneceu viuva cerca de 30 annos, sobrevivendo 4 annos a OSWALDO, pois morreu aos 16 de Dezembro de 1921.

Foram rudes os primeiros tempos da vida do casal. Havia, no emtanto, a contrabalançar essas vicissitudes, um espirito de escól, em quem se congregavam todos os requisitos indispensaveis á doce figura do palco domestico. O esposo podia ausentar-se tranquillamente para o trabalho, porque em casa tudo havia de correr como si elle fôra presente. Na educação dos filhos, sobretudo, não se conheciam hesitações, dissidios, intermittencias. Reinava perfeita harmonia entre os conjuges, unidos principalmente pelos mesmos ideaes. Marido e mulher adoravam-se, e o perfil do chefe, naquelle ambiente pobre e sadio, pairava respeitavel, disciplinador, mas invariavelmente meigo, carinhoso. Por isso a consorte o amava acima de tudo; e ha ainda alguns mezes, sempre com os olhos d'alma volvidos para o passado, la ia a digna matrona de veneravel belleza anciã, com a cabeça a branquejar sobre o luto pesado, lá ia caminho do cemiterio, sobraçando flores predilectas e votivas, prosternar-se aos pés do esposo bem amado, lá no mesmo jazigo commum, á sombra da mesma casoarina, onde hoje dormem Pae, Mãe e Filho.

Foi nesse lar abençoado que se creou o unico filho varão.

Desde cedo costumaram-n'o a conciliar os brincos da meninice com as obrigações escolares e domesticas. Ao levantar-se, cumpria-lhe compôr o proprio leito, arrumar o quarto, tratar de si mesmo, sem auxilio de ninguem. Queriam-n'o trabalhador e independente.

Nesse ponto eram os Paes tão rigorosos, que, certo dia, estando Elle no collegio primario, em plena aula, recebeu um recado da familia, que o chamava á toda pressa. O professor ordenou que o menino partisse immediatamente, imaginando para logo qualquer acontecimento extraordinario. Entretanto, após curta demora, estava o pequeno de volta; e, todos, a começar pelo preceptor, cheios de natural curiosidade, o torturaram de perguntas. Mas não houve quem lhe arrancasse uma palavra. Só mais tarde se veiu a saber que se tratára de uma obrigação por cumprir: OSWALDO por esquecimento deixára a cama desfeita...

Era sagrada a hora do estudo. Todos os dias, houvesse festa ou visitas, o rapazelho havia de se retirar para o quarto afim de preparar as lições. Não tinha meios de fugir áquelle dever diario de consagrar 2 horas aos livros. A's vezes, estava o collegial entretido em animados jogos infantis, quando chegava o momento terrivel de ir para o trabalho. Pois o Dr. CRUZ era inexoravel. Ninguém conseguia demovel-o das suas normas, sempre insensível aos rogos do filho, dos amigos, de todos, emfim. E lá ia o estudante para o posto de honra, a entre-ouvir a algazarra feliz dos parceiros, emquanto Elle nem sequer podia ler, porque as lagrimas lh'o vedavam.

Não obstante, em meio á severa disciplina, o educado era o melhor amigo do Pae, com quem vivia sempre a conversar intimamente, como si fossem dois irmãos ou dois amigos inseparaveis entre os quaes não se permittissem reservas.

Além disso, naquella systema de educar, não se conheciam castigos corporaes: condemnava-se a velha escola de pancadaria. O rapazola havia de ser

creado com rigor, mas proscreviam-se todas as penas vexatorias, que tantas vezes subtrahem ao animo juvenil certos sentimentos nobres. O methodo paterno consistia em incutir no raciocinio do pirralho a necessidade daquelle modo de vida. Quando não era attendido, reprehendia-o. Quando a reprehensão não era sufficiente, vinham as sentenças comminatorias: em geral, privações de passeios e cousas appetecidas; na maioria dos casos, as penalidades não iam além da suppressão dos carinhos habituaes; bastava quasi sempre a recusa do beijo com que Pae e Filho á noite se apartavam.

Ao admirar as regras educativas desse extraordinario modelador de espiritos, tivemos, á primeira vista, a impressão que lhe eram familiares o methodo persuasivo, os alevantados preceitos de HERBERT SPENCER e até os estudos psicologicos que constituem a base da moderna pedagogia. Agora, porém, temos elementos para crer que elle tinha perfeita intuição de tudo isso, assim como das leis racionaes de WILLIAM JAMES.

O nosso pedagogo pratico não precisava de principios que muitas vezes são apanagio de doutrinadores meramente theoreticos, capazes de traçarem magnificos roteiros espirituaes para uso alheio, mas frequentemente incapazes de applical-os quando mais necessarios se tornam, como fazem esses optimos pregadores e pessimos sacerdotes dos quaes foi maioral J. J. ROUSSEAU, cujas fraquezas são bastante conhecidas, si bem que differentemente interpretadas.

Não. Ao contrario disso, o Dr. BENTO GONÇALVES CRUZ era um homem de ideaes. Desde que lhe nascera o filho, havia feito firme proposito de tornal-o grande, nobre, feliz. Sentia palpitar-lhe dentro d'alma um poder occulto e invencível que lhe indicava o caminho a se-

guir. Era a força de vontade; era o seu peregrino character. Bastava-lhe isso. E para comproval-o, vamos citar ainda um episodio, em que fica demonstrado ter sido o exemplo o elemento preponderante na formação moral de OSWALDO.

— « Certa vez-contava o Mestre-meu Pae surprehendeu-me a fumar. Admoestou-me com brandura, fazendo ver que as creanças não devem ter vicios. Apon-tou-me um a um os inconvenientes e maleficios que d'ahi podiam advir-me. Foi, em synthese, uma prelecção completa e cabal a respeito do mau habito que eu forcejava por adquirir.

« Comtudo, continuava Elle, o elo- quente sermão não logrou convencer-me, porque dias depois fui novamente pilhado com o cigarrinho na bocca. Meu Pae mostrou-se então zangado, triste. Censurou-me com menos paciencia do que a que lhe era habitual. Repetiu-me os conselhos anteriores e terminou por um appello formal á affeição que eu lhe dedicava. Mas eu lhe retorqui singelamente:

— Papae tambem não fuma?

« Na verdade meu Pae era um fumante inveterado. Desde adolescente escravizára-se ao tabaco. Usava cigarros, charutos, e até cachimbo. Fizera varias tentativas para abandonar o vicio, sem nunca o conseguir. Pois bem: desse dia em diante, como por encanto, deixou para sempre, o habito de tão longos annos...

OSWALDO tambem nunca mais fumou; e tinha a preocupação de converter os poucos fumivomos que lhe mereciam o affecto, narrando cheio de saudades e emoção esse delicadissimo episodio em que se espelha integralmente a belleza da alma paterna.

De facto, todas as virtudes masculas, todas as dedicações sublimes ahi se acham crystallizadas na abdicção

dos proprios desejos, na renuncia do unico prazer capitoso desse varão puro e austero, no devotamente decidido á perfeição do filho.

Por conseguinte, a esse casal augusto, a esses lapidarios d'almas, deve a Patria uma braçada de flores, neste momento de reparações historicas e piedosa gratidão.

## II—Na Penumbra.

OSWALDO sempre foi de genio concentrado.

Esse retrahimento chegara a ser timidez nos primeiros passos da sua vida de estudante. Isso lhe valera uma reprovação em latim, o que Elle contava sem rancor, confessando que o caturra FORTUNATO DUARTE, seu algoz, muito concorrera para que se apreciasse melhor o sabor das leituras classicas.

Sempre avesso a exhibições de qualquer natureza, era um mau examinando, cujas provas publicas nem sempre correspondiam ao seu preparo. Narrava Elle que, no exame oral de chimica organica, embora n'essa occasião já fosse interno de cirurgia, de tal modo se perturbara que affirmou perante os examinadores que o chloroformio, como anesthesico geral, era administrado pela bocca.

Por esse e outros motivos o seu curso não teve o brilho que se devia esperar do seu talento e do seu amor aos livros. Mas isso não o preocupava. Lugares de evidencia, premios, renome, tudo deixava aos outros, comtanto que alcançasse o seu objectivo: saber, saber muito, aprendendo rapidamente.

Dir-se-ia que, já então, antevendo o seu fim prematuro, tinha pressa de viver...

Assim, fez o curso em 4 annos, galgando o 1º e o 4º, de modo que aos 20 era doutor em medicina, tendo defendido these sobre « Vehiculação microbiana pela agua », apresentando um engenhoso aparelho original para a co-

lheita aseptica d'esse liquido em diversas profundidades.

Em consequencia da sua natural esquivança, passou durante muito tempo despercebido á maioria dos mestres, á excepção de MARTINS TEIXEIRA, com quem trabalhou no gabinete de physica, de ROCHA FARIA, em cujo laboratorio lhe nasceu o gosto pelas questões de hygiene e microbiologia, e de FRANCISCO DE CASTRO. Era este ultimo quem, por vezes, entre brandas censuras ao seu feitio concentrado, lhe augurava um futuro brilhante, mas só á custa de talento e muito trabalho. Ao demais, foi o egregio professor de clinica propedeutica quem exerceu certa influencia na sua carreira. Como dedicado medico assistente do Dr. BENTO CRUZ, teve o Professor CASTRO ensejo de se approximar de OSWALDO, aconselhando-o a deixar a clinica e o pequeno laboratorio improvisado no porão de sua residencia afim de ir a Europa estudar para um provavel concurso na secção de hygiene e medicina legal.

E assim Elle fez, permanecendo em Paris quasi 3 annos, repartindo intelligentemente o tempo entre o Instituto Pasteur e o Laboratorio de Toxicologia. N'este, ao lado de OGIER e VIBERT, se orientou cabalmente em tudo quanto se relaciona com a moderna pratica medico-legal, toda ella baseada em solidos alicerces scientificos.

Mas onde se lhe antolhou o ambiente intellectual que anhelava foi no Instituto Pasteur. Ahi, o acolhimento do Prof. ROUX foi tão significativo que sahio dos moldes adoptados n'essa instituição. Nunca indemnizou o material de trabalho e os animaes de experiencia, conforme era de praxe. Tudo *gratis*. Indagando, veio a saber que devia tamanha munificencia e outras muitas gentilezas ao facto de ser o primeiro filho do Brasil, que batia ás portas da Casa de Pasteur, para cuja fundação concorrera generosamente o magnanimo D. PEDRO II. Entretanto, já

não viviam nem o genio creador da Microbiologia, nem o nosso ex-monarcha. Mas no glorioso Instituto tambem sabiam e sabem zelar os sentimentos de gratidão, e por isso lá deve estar até hoje o busto do nosso ultimo Imperador, como uma prova de que o culto da sciencia não repelle as delicadezas de sentimento.

OSWALDO apreciava extraordinariamente esse e outros traços do grande bacteriologista, de quem se tornou amigo sincero.

Outra amizade ahi tambem adquirida foi a de METCHNIKOFF, cujas idéas e doutrinas admirava com enthusiasmo. O sabio russo retribuia-lhe *ex-corde* o affecto e achava especial prazer em conversar com o seu joven amigo brasileiro, na lingua deste, a qual havia aprendido na Ilha da Madeira, onde expirara a sua primeira esposa. E seria talvez bem differente a trajetoria de OSWALDO, si annuisse ao honroso convite para trabalhar definitivamente no laboratorio do genial descobridor da phagocytose.

Mas para isso seria preciso que o nosso patricio não amasse bastante a sua terra.

Ainda em Paris, aproveitou a oportunidade para fazer um apprendizado que estava fóra do seu programma: seguiu um curso completo de vias urinarias, sob as vistas do velho GUYON, que ainda pontificava no assumpto, e de ALBARRAN, que alvorecia na celebridade. Aperfeçou-se a ponto de se familiarizar com os segredos da cystoscopia, do cathetismo dos ureteres, etc. No emtanto, quem quizesse saber o motivo desse pequeno desvio da rota que Elle se havia traçado, teria de perguntal-o áquelle discreto e perfeito coração, porque o singular urologista uma unica voz e n'um só caso clinico, se servira de especialidade: para tratar de um amigo a quem consagrava profundo reconhecimento.

Finalmente ao regressar á Patria, quasi nos fins de 1899, era um microbiologista consumado, mas não passava de

chefe de laboratorio da Polyclinica do Rio de Janeiro. E jamais seria professor da Faculdade de Medicina.

### III—Um retrato antigo.

Por volta do ultimo trimestre de 1899 entrou a ser notada no Rio de Janeiro uma figura que se destacava do vulgacho carioca.

Todos os dias, mais ou menos á mesma hora, quando os bondes desciam apinhoados para o centro da cidade, era certo encontrar-se n'um dos carros de «Largo dos Leões» aquelle homem aparentemente robusto, de estatura meã, sobrecasaca preta, cartola muito alta, gravata branca a Principe de Galles. A tez levemente morena; a cabelleira basta e castanha, entresachada de longos e numerosos fios brancos; o bigode fulvo e eriçado a lhe descobrir a bocca amplamente rasgada, onde os dentes fortes se entremostravam; o nariz bastante pronunciado; e dominando a physionomia, uns olhos grandes, muito expressivos, de um tom verde claro, davam-lhe ao semblante um aspecto original.

Quem se propuzesse adivinhar-lhe a idade ficaria realmente hesitante. A expressão physionomica entre doce e austera, a cabeça alvacenta a contrastar com os traços juvenis, tudo isso desconcertava áquelle que intentasse calcular-lhe o numero de annos de existencia.

Além disso, os modos, a attitude, o quer que é de distincção e fidalgia, um tudo-nada contemplativo faziam que os psychologos de esquina lhe attribuissem uma serie de lendas que ainda mais excitavam a coscovilhice dos basbaques.

Posto que n'aquella epoca fôsse commum semelhante traje archi-solemne, comtudo, não passava despercebido, onde quer que apparecesse, o vulto encartolado do extranho personagem.

Certo dia, durante um concurso na Faculdade de Medicina, por entre a agglomeração dos assistentes, distinguia-se

o singular desconhecido, envolto na sua rabona, agarrado á sua pasta, alheio á bisbilhotice da patuléa que em torno o escabichava com afinco.

— Quem é esse typo?

Ninguem ao certo sabia responder.

Aqui diziam diplomata: aquelle todo não negava; não podia deixar de ser consul ou ministro plenipotenciario. Outros julgavam-n'o artista, naturalmente por causa da farta cabelleira: talvez musico, talvez pintor ou poeta. Acolá, em meio á casquinada dos rapazes, corriam versões jocosas: não passava de um photographo (\*), porque lá tinha elle uma pasta, a celebre e inseparavel pasta de couro negro, a qual á distancia lembrava uma KODAK.

No emtanto, quem se approximasse dessa creatura enigmatica, logrando chegar-lhe á intimidade, teria uma surpresa absoluta.

A primeira qualidade a ser revelada era uma educação apuradissima, que difficilmente seria imitavel: uma educação sobria de verdadeiro *gentleman*, cujo tacto sabia differençar um moço de um ancião, uma senhora de uma rapariga; um cavalheiro, emfim, que não distribuia sorrisos indifferentemente e não beijava todas as mãos femininas que se lhe extendessem, mas que tinha o dom quasi instinctivo de dar a cada um o acolhimento que merecia.

Pois esse mesmo manto delicado de cortezia talvez concorresse para lhe velar ainda mais o espirito que, com todos os seus predicados, ninguem como Elle sabia recatar.

Effectivamente, OSWALDO era naturalmente calado. Na sua residencia, na sala de estudos, lá está até hoje uma

(\*)—Houve, de facto, nessa data, um grupo de estudantes que o appellidou "Dr. Photographo". E mais interessante é que Elle o era, mais habilissimo.

*terra-cotta* que representa um frade com o dedo indicador em frente aos lábios a recomendar silencio. Porque o silencio era o seu grande amigo, confiante e conselheiro.

Todavia, quando algum intimo o furtava á meditação, nos seus raros momentos de expansibilidade, era um encanto ouvil-o discreto. E aos raros felizes que ás vezes alcançavam desnatrar-lhe algumas das cortinas espirituaes, para esses se entreabriria um mundo de predicados que passavam totalmente despresentidas aos olhos da sociedade.

#### IV—O primeiro recruta.

Ao acceitar a missão de fundar o primeiro estabelecimento sôro-therapico no Brasil, o Mestre convidou para seu ajudante um antigo condiscipulo que exercia as funcções de gerente da casa de saúde dos Drs. CATTA PRETA, MARINHO e WERNECK.

OLIVEIRA VIANNA, o mencionado amigo, era e felizmente ainda é um typo originalissimo no nosso meio, onde o titulo de doutor seduz a grande maioria da mocidade. VIANNA fez todo o curso medico com raro aproveitamento; ao chegar, porém, a occasião de se doutorar, negou-se obstinadamente, não consentindo jamais em apresentar a imprescindivel these. Entretanto, era esse homem quem suggeria pontos de dissertação a numerosos doutorandos dos que frequentavam aquella casa; era elle quem lhes fornecia livros e revistas, quem lhes orientava o desenvolvimento do assumpto, com erudição e clarividencia admiraveis; era elle, finalmente, que muitas vezes lhes corrigia a obra, escoimando-a dos attentados á sciencia, á logica e até á grammatica.

A despeito da forte amizade que o ligava a OSWALDO, não quiz VIANNA abandonar a sua antiga tenda de trabalho, onde tambem o prendia um affecto quasi filial á pessoa do velho Conselhei-

ro CATTA PRETA, a quem se consagrara até á derradeira hora do saudoso cirurgião.

O Mestre cobiou para o seu projectado Instituto esse inconfundivel modelo de character, intelligencia e modestia. Não o conseguindo, viu-se forçado a pedir a outro amigo a indicação de um estudante de medicina que lhe acceitasse as condições. ALFREDO PORTO—um grande coração que infelizmente já não existe—foi o incumbido da tarefa. PORTO, movido pela sua bondade infinita, lembrou-se logo de um estudante pobre a quem havia promettido uma collocação em seu estabelecimento hydro-electrotherapico. Sem perda de tempo, deixou os seus interesses e partiu para a pensão, onde residia o rapaz, encontrando-o a dormir, em pleno dia, vespera de exame, com o compendio de HALLOPEAU aberto sobre o peito semi-nú. Despertou-o risonhamente, gracejando com leve ar de censura, e deu-lhe conta do convite. A hora aprazada, subiam os dous as escadas de um sobrado á travessa de S. Francisco n.º 10, onde tinham consultorio os Drs. CANDIDO DE ANDRADE e LUIZ BARBOSA e onde tambem estava montado com muito capricho um gabinete de microscopia e de analyses clinicas.

Feitas as representações, retirou-se o Dr. PORTO, deixando a sós os dois recém-conhecidos, que entabularam o seguinte dialogo:

— Em que anno está o Sr?

— No terceiro.

— Tem medo da peste?

— Não, senhor.

— Está disposto a trabalhar tantas horas quantas forem necessarias para cumprir as suas obrigações, sem dependencia de nenhum horario fixo?

— Perfeitamente.

— Agora uma ultima pergunta, a qual ligo muita importancia: O Sr. conhece alguma cousa de bacteriologia?

O moço teve um momento de duvida: de um lado, a fascinação que exercia sobre si o inesperado cargo de auxiliar de um verdadeiro cientista, além dos proventos que d'ahi lhe adviriam; de outro lado, a sua consciencia que o compellia a dizer a verdade. Optou por esta, deixando-se, porém, cahir interiormente n'uma crise de abatimento moral.

— Não, senhor.

— Pois está muito bem; é essa uma das condições exigidas.

Tempos depois, valendo-se da bondosa condescendencia do Mestre, o ex-recruta perguntou-lhe curioso:

— Lembra-se das condições que o Sr. me apresentou para ser seu ajudante?

— Mais ou menos.

— Porque é que o Sr. fazia questão de um auxiliar sem nenhuns conhecimentos de microbiologia?

— Por uma razão muito simples: porque si você soubesse alguma coisa da materia, devia ser muito pouco, só servindo para lhe dar presumpção e portanto diffcultar o seu aprendizado. E eu prefiro certos ignorantes...

#### V—A Lancha de Manguinhos.

Morto o Pae, fez OSWALDO questão de o succeder na clinica, labutando no mesmo bairro, attendendo aos mesmos doentes, praticando a mesma caridade. Ainda hoje, entre os pobres antigos da Gavea, deve haver quem confunda os nomes dos dous medicos, envolvendo-os nas mesmas benções e orações.

Nessa faina de clinico, conheceu de perto a febre amarella, com todos os seus horrores. Muitas vezes lhe ouvimos a narrativa de casos a que assistira e que se lhe gravaram para sempre na memoria. Alanceavam-lhe o peito os soffrimentos das victimas; acima de tudo, porém, o acabrunhava a fallencia completa da therapeutica e da prophy-

laxia. Por isso foi com incontido alvoroço que acompanhou os trabalhos da commissão norte-americana em Cuba, dos quaes tirou para logo todas as inferencias cabiveis. E então, com um ardor patriotico que mal podia reprimir, falava aos discipulos na possibilidade de realizar semelhante campanha no Rio de Janeiro, chegando a propor aos seus minguados auxiliares uma tentativa parcial n'um arrabalde, afim de apresentar aos poderes publicos uma demonstração pratica e convincente.

Embora não tivessem a minima competencia para julgar tal commettimento, os seus companheiros não hesitariam em acceitar os postos que lhe fossem confiados. Mas as cousas soffreram uma repentina modificação.

Effectivamente, OSWALDO sempre tão assiduo ao serviço, deixou de ir a Manguinhos dous ou tres dias seguidos, sob o pretexto de obter uma lancha para o pessoal, que luctava com a falta dos meios de conducção.

Qual não é, porém, a surpresa quando em vez da embarcação promettida apparece nos jornaes a nomeação do Dr. OSWALDO GONÇALVES CRUZ para o cargo de Director geral da Saúde Publica.

Todavia, no dia seguinte, ao tornar ao Instituto, onde o aguardavam os emboras da grei manguinhense, fôra Elle o primeiro a recusal-os, visto que já não era mais o chefe da repartição sanitaria.

— Como assim?

— Porque já pedi demissão.

Explicadas as cousas, o Mestre se vira na conjectura de fazer tal pedido, porque o governo começara por lhe faltar a um compromisso solemne, qual o de lhe conceder autonomia absoluta no exercicio do cargo. E sem lhe dar satisfação, lhe nomeára o secretario, nomeação essa que aliás recahira numa das figuras mais brilhantes d'aquella geração medica.



Desnecessario seria dizermos que o grande Presidente reconsiderou nobremente o acto, negando a exoneração pedida e nomeando o collega que OSWALDO já havia convidado: o Dr. J. PEDROSO.

D'ahi a dias atracava na nossa velha ponte de madeira, (hoje substituida por outra de cimento armado) uma garrafa lancha a vapor, especialmente destacada pelo novo Chefe da Saude Publica para o serviço do Instituto.

Estava cumprida a promessa.

Faltava-lhe ainda alguma cousa que tambem havia de conseguir: a realização de dous bellos sonhos.

#### VI—Um cartão postal (\*).

Meus senhores:

Antigamente, o nosso primeiro dia de aula era festivo. Por entre alegrias e esperanças, aqui nos reunimos para celebrar o inicio d'estes trabalhos.

Relembravamos então os primordios da Microbiologia. Commemoravamos o advento da era microbiana, recontando as doutrinas que foram por esta subvertidas. Remontavamos ás pugnas em torno da famigerada « geração expontanea », vetusto monumento que um só homem derruiu.

Enalteciamos a memoria do fundador da Bacteriologia, o genio da benevolencia, o nome de mais brilho que jamais perlustrou os dominios da Biologia.

Era com indizivel gaudio que reconstituíamos os primeiros passos de PASTEUR ao desbravar o caminho para a gloria.

Depois, embóra de relance, apontavamos outros nomes illustres, de diversas nacionalidades, todos a disputarem os louros da peleja em pról dos mesmos ideaes.

Nesse concatenar de nomes e de feitos, procuravamos sempre realçar algo que pudesse servir de exemplo para a mocidade, afim de que esta bebesse em lousas veneraveis a verdadeira lição para a vida e para o trabalho. « Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos ».

Agora, mais do que nunca, tem cabimento a piedosa sentença.

Mais uma lapide veneravel veiu ajuntar-se ás que eram alvo do nosso preito: e essa a de um Morto cujo espirito é a razão de ser deste modestissimo curso.

\*  
\*\*

Meus sunhores, nunca nos ha-de esquecer o dia em que surprehendemos OSWALDO CRUZ a ler e meditar um livro precioso: « La vie de Pasteur ».

Esse livro é um evangelho, em que VALLERY-RADOT, genro do immortal sabio francez, conta, dia por dia, com vero amor filial, a vida do grande varão.

Relendo-o agora, pudemos comprehender o enlevo daquela dignificante leitura, a que o Mestre se entregava nos bons tempos embryonarios de Mangui-nhos.

Relendo agora alguns trechos dessa obra grandiosa, convencemo-nos de que esta foi o seu guia predilecto. Relendo-a, verificamos a extraordinaria semelhança entre PASTEUR e OSWALDO: o mesmo feitio moral, a mesma nobreza de sentimentos, a mesma fé inquebrantavel na Sciencia, o mesmo arcabouço de lutador, a mesma preocupação de bem-fazer, a mesma probidade profissional, o mesmo ardor patriotico, o mesmo amor do trabalho, o mesmo desvelo com a familia, a mesma capacidade de attrahir proselytos, a mesma amizade aos discipulos, o mesmo poder de suggestão, que os fazia chefes de escolas incontrastaveis. Ambos geniaes e simples, victoriosos e compassivos.

Agora que ambos pervagam nos pá-

(\*)—Primeira lição de Microbiologia, em 1907, na Faculdade de Medicina de Bello Horizonte.

ramos da eternidade, irmanemol-os na mesma reverencia.

N'esta alludida biographia ha uma phrase magistral: « Da vida dos homens que têm assignalado sua passagem por um traço de luz duravel, recolhamos piedosamente, para o ensinamento da posterioridade, até as minimas palavras, os minimos actos capazes de tornarem conhecidos os agulhões da sua grande alma ».

Esta phrase é do proprio PASTEUR, que sabia tão bem render homenagem aos luminares como elle. São provas disso a amizade respeitosa e o sincero culto que votava aos sabios d'aquella epoca, principalmente aos seus Mestres, mórmente aos mais velhos, especialmente a BIOT, J. B. DUMAS, SAINTE-CLAIRE DEVILLE, CHEVREUIL, CLAUDE BERNARD, REGNAULT, etc.

Ora, Senhores, essa mesma phrase deve ser tambem o lemma que todos os discipulos do PASTEUR brasileiro temos de adoptar, afim de que se não percam no esquecimento as grandiloquas lições que sublimam a sua vida publica e particular.

Emquanto não se elabora a biographia de OSWALDO, a qual seu successor escreverá com mais auctoridade do que ninguem; enquanto não verte o opulento manancial de civismo, que todos aguardamos com anciedade, podemos e devemos, cada um na medida das proprias forças, esbater alguns traços mais impressionantes da sua inconfundivel physionomia moral, intellectual e scientifica.

Por conseguinte, áquelle que vos falla tambem cumpre prestar o seu singelo depoimento,—embora lhe falleça a necessaria competencia. Mas, neste caso, onde falta o fulgor da palavra, sobeja a sinceridade do sentimento; e á mingua de sumptuosidade literaria, recorra-se ao recesso do coração, que, ás vezes, tambem suppre o estylo e o pensamento.

É por isso que, movido pela gratidão, que tributamos á sua memoria,

vamos dizer-vos, em palavras simples, na linguagem que Elle amou, alguma cousa da sua vida, que é o mais puro, o mais nobilitante exemplo para a mocidade, em cujo seio quizeramos esparzir, si fôra possivel, todo o balsamo do seu espirito inegualavel. Entretanto, uma difficuldade se nos antolha: que devemos narrar-vos? sua carreira professional? seus celebrados feitos? as peripecias de suas lucias? sua obra? Seria impossivel resumir aqui tudo isso, ou siquer uma parte da sua magnifica trajectoria pelo mundo. Todavia, fallando a moços, a almas que precisam se formar ao calor de outras almas bem formadas, queremos referir um traço apenas da sua estrutura moral. E esse talvez baste para caracterizar a personalidade de OSWALDO CRUZ.

Transportemo-nos aos tempos do combate gigantesco á febre amarella. Graças á efficaz intervenção de um amigo—o Dr. SALLES GUERRA,—o governo RODRIGUES ALVES acabava de confiar ao jovem pesquisador os serviços sanitarios do paiz. A nomeação de um bacteriologista era pessimamente recebida pelo que se convencionou chamar *opinião publica*. Os jornaes extranhavam que um homem habituado ao campo restricto do microscopio fosse capaz de se librar em tão altas, tão amplas responsabilidades e cogitações, esquecidos, talvez, de que, em todo o mundo civilizado, os hygienistas sóem sahir justamente desses mesmos laboratorios malquistos. Mostravam-se todos estupefactos ao saber do revolucionario programma de saneamento, que o novo chefe empunhava.

A theoria culicidiana, pela qual se explica e se prova a transmissão do typho icteroide, parecia agonizar aos golpes iracundos que a medicina e a critica indigenas lhe desferiam. Naquella epoca-póde dizer-se quasi sem receio—ninguem levava a serio tão abstrusa fantasia.

Organizou-se então contra o Director Geral de Saúde Publica a celeberrima campanha, que, provavelmente, os contemporaneos ainda não olvidaram.

A classe medica em peso, chefiada pelos maiores do ensino (com rarissimas excepções, entre as quaes o saudoso e notavel PEDRO DE ALMEIDA MAGALHÃES), condemnava implacavelmente a famosa doutrina. Do alto de cathedras imponentes cahiam sobre o *monstro* fulmineas sentenças.

No Congresso Nacional, na alta administração, nos conciliabulos, na praça publica, por toda a parte, cobriam de apodos o pretencioso saneador.

Todos os jornaes leigos, todos os jornalistas (menos MEDEIROS e ALBUQUERQUE e AGENOR DE ROURE tambem, que tinham a clarividencia e a impavidez de defendel-o), todos o zurziam sem cerimonia. O artigo de fundo, inspirado ou não por comparsas profissionais, azorragava-o diariamente de rijo.

Das differentes armas, comtudo, arremessadas contra o responsavel-mór pela infrene matança dos mosquitos, uma havia, que era a preferida.

Era o ridiculo, o ridiculo em todas as suas modalidades: ora o epigramma acerbo, ora o mordaz remoque; a chacota insulsa, ou a chufa de recoveiro; a maliciosa caricatura; a ironia subtil, tendenciosa; e até o convencio, grosserias, e a propria calumnia *infanda*. Tudo servia.

Poetas e poetaços prestavam optimo serviço á causa. Versos picantes não rareavam nas columnas humoristicas dos periodicos.

Lembra-nos ainda uma versalhada nephelibata, que fez época:

De dezembro em noites calidas  
As culicidas exoticas  
Parecem deusas chloroticas  
Ou parasitas esqualidas  
E por ahi além. Quadras, sonetos,

todos os metros de arte poetica, trovas adaptadas ao violão...

Tudo servia.

A musica-honra lhe seja feita-*assim* como a caricatura, cumpriu cabalmente o seu dever; e o genero « modinha » ganhou mais de uma composição, que fazia as delicias até dos « cordões » carnavalescos. O saneamento de Cuba, citado em um trabalho official da Repartição de Hygiene, deu ensejo a copiosas pilherias, inclusivamente a uma cançoneta mais ou menos nescia, que « O Malho » publicou com a respectiva parte musical.

De modo que a opposição não lhe dava treguas nem quartel.

Qualquer medicastro embelecado com sciencia de fancaria, qualquer ignaro labrêgo, um parvajola qualquer se arrogava direitos de critico, e assumia attitudes cathedricas, e compenetrava-se de que era homem para desfazer na reputação alheia, ou idoneo para derrocar noções, factos scientificos, que nem por sombras lhe passavam no alcance do peço bestunto.

Pois no meio de toda essa atroada infernal, que durou largo tempo, o sabio continuava imperturbavel e sereno, a seguir a sua rota, com destemor, a vencer obstaculos innumeraveis, a vencer os discipulos, a persuadir os auxiliares, a disseminar conhecimentos até então ignorados, a estabelecer a nossa modelar legislação sanitaria, a erguer a indestructivel escola de Manguinhos, e, finalmente, isentando a Patria de manchas negrejantes que a deslustravam, alcançar a mais esplendorosa victoria contra o mal e contra a morte.

Antes, porém, do monumental triumpho, quão longo e duro fôra o caminho...

Um bello dia, quando ainda ninguem acreditava no exito de tão herculea empresa, quando mais truculenta e cruel ia a obra do ridiculo, realizou-se no Rio de Janeiro uma festa de caridade.

Senhoras do escól social porfiavam em angariar donativos para uma instituição pia. Entre outros meios de captar beneficios, houve um, que não deixava de ser algo curioso: levaram a leilão varios cartões postaes escriptos por homens notaveis da epoca. Cada bilhete continha ora uma phrase requintada, ora poesias de auctores consagrados, ora breves trechos musicaes, etc., em conformidade com o gosto artistico ou a profissão de cada signatario.

Alguns alcançaram preços avultados, com que a alta sociedade acolhia as notabilidades que os firmavam. E a festa mundana ia correndo suavemente, sem nenhuma discrepancia, sem a mais leve nota dissonante.

Senão quando, surde, por fim, um cartão com uma assignatura mal intelligivel por baixo de uns dizeres, que deviam ser extremamente comicos, tal o sussurro de sarcasmo, que o recebera. As palavras do dito cartão não as cito textuaes, porque só as tenho approximadamente de memoria; mas a idéa resumia-se mais ou menos no seguinte:

« O mosquito é o unico transmissor provado da febre amarella.—(assignado) GONÇALVES CRUZ ».

Esse cartão, que uma pessoa bondosa conseguiu arrebatado ao ridiculo, ao innominavel escandalo, que o aguardava, é incontestavelmente uma obra prima!

Demonstra elle até que ponto uma consciencia recta e lucida é capaz de uma convicção scientifica.

Esse pequeno cartão é o retrato moral de um homem. Da primeira á ultima letra tudo ahi resumbra o animo varonil, a intrepidez, a immensuravel energia, a sinceridade sem limites, o caracter perfeito de uma individualidade forte e incomparavel.

A propria assignatura esse *Gonçalves Cruz*, com que até nos ultimos e dolorosos dias de existencia se assignará, até isso releva uma face bellissima e quasi

desconhecida da sua estructura moral.

Ao brilho do nome OSWALDO CRUZ, mais tarde consagrado, ultimamente coberto de gloria, e pelo qual era em toda a parte conhecido, preferiu sempre aquelle'outro sobrenome, que herdára do seu digno Pae—o Dr. BENTO GONÇALVES CRUZ—cuja vida honrada e cujas nobres virtudes tamanha influencia exerceram sobre a formação da sua personalidade.

Era esse um dos diversos modos porque idolatrava a memoria do seu Progenitor, a quem amara com o mais acrysolado amor filial.

Esse diminuto cartão não sabemos por onde andar. Sabemos apenas que, para proveito dos vivos, devia figurar na antiga sala da directoria do Instituto de Manguinhos; aquella mesma sala que as mãos affectuosas de CARLOS CHAGAS transformaram em discreto museu, onde tudo permanecerá para sempre tal qual o Mestre deixou; onde tudo, a cada passo, parece evocar a sua egregia figura; onde, a cada momento, vemos resurgir o seu porte distincto, com o inseparavel *dolman* branco, com a bella cabeça de artista, com a cabelleira alva sobre o juvenil semblante, com a mesma austera sympathia, pensando, escrevendo, trabalhando, resolvendo problemas transcendentales, ouvindo e estimulando os discipulos, prodigalizando-lhes os thesouros do seu coração munificente; n'aquelle augusto recinto, onde ninguem ousa tocar no mais insignificante objecto; e onde os visitantes observarão com respeito que, na Casa que Elle creou e que tanto estremecia, se guardam como reliquias inestimaveis essas pequenas cousas, que refletem recordações infinitas, lembranças do grande Astro, que a illuminou; ahi, nesse carinhoso santuario onde sempre errara o seu genio immortal, e onde, quando o animo se nos entibiar, iremos os seus discipulos haurir coragem e civismo para as jornadas cruentas da vida.

\*  
\*\*

Meus senhores, quizemos referir-vos, de preferencia, esse episodio, em vez de qualquer outro dos muitos que poderiamos contar-vos, porque esse, por bem dizer, resume a vida inteira do Homem.

Ficac sabendo que a mais avantajada erudição, a mais brilhante originalidade intellectual, o mais peregrino talento, a maxima capacidade de trabalhonada d'isso valerá si não correr parellhas com a sinceridade, que, até na opinião de um sceptico, é o verdadeiro apanagio das obras duradouras.

Bem hajam, pois, os illustres docentes desta Faculdade, que se lembraram de esculpir tão assignalado nome nos porticos deste laboratorio.

A homenagem-nós o sabemos—é exigua demais para tão grande vulto. Acanhadissimo o ambiente para o Nume, que de ora avante irá pairar sobre os destinos desta cadeira, cujo detentor actual é fragillimo para supportar a tremenda responsabilidade. E todos, todos os que aqui mourejamos, nos sentimos obumbrados, deprimidos ante a majestade do nome aureolado que rebri-lhará sobre nossas cabeças.

Apezar disso, bem hajam os auctores dessa lembrança.

Porque dia virá em que o Brasil, já na posse de si mesmo, assistirá ao surto magnifico que lhe está reservado. Os homens do porvir, os compatricios vindouros comprehenderão facilmente as paginas da Historia, que aos nossos olhos se vão desdobrando. A Humanidade desfructará todos os bens que a Sciencia lhe dará. A Sciencia, maior do que as artes, maior que tudo, reinará sem contraste sobre a Terra.

E então, quando os escribas procurarem nos desvãos do passado os nomes para o Pantheon brasileiro, tambem aqui encontrarão, modestamente embora, o symbolo da nossa liturgia, o idolo vene-

rado pelos obreiros desta recondita officina.

Bello Horizonte, 11 de Abril de 1917.

### VII—Zé orgueiro.

N'uma das suas viagens ao Norte do Brasil, em Sergipe ou Alagôas, narra-ram-lhe a historia de um artista obscuro que havia fabricado, sósinho e sem nenhuns recursos, um complicado instrumento musical: um orgão para a igreja-pobre da sua freguezia.

OSWALDO quiz ver o instrumento. Mostraram-lh'o: uma obra rustica, feita de taquaras e cousas toscas; na realidade, um objecto inesthetico, mas possuidor de uma alma que plangia sons harmoniosos, e todos os domingos pela manhãzinha, ás mãos do seu proprio auctor, fazia vibrar o coração simples dos crentes, tal como os orgãos ricos das cathedraes.

O Mestre ficou maravilhado. Quiz conhecer o artista. Apresentaram-lh'o. Era ainda mais rustico do que a obra—um individuo inculto que após longos annos de trabalho, mal visto e chacoteado, só com o seu engenho e a sua fé conseguira emfim realizar o ideal de toda a sua vida: dotar a ermida de sua devoção um harmonium, para que a Nossa Senhora padroeira de sua terra, aquella mesma Santa de manto azul estrellado, tão bôa e tão milagrosa, tivesse como as outras imagens das basilicas opulentas a sua oblata de accordes melodiosos.

Não tinha dinheiro para compral-o? resolveu fazel-o. Escasseavam-lhe elementos para isso? Havia de fabrical-o assim mesmo. E fel-o. Era um homem! O nome, pouco importa. Possuia, porém, um cognome, um appellido popular que o definiu e o glorificava: *Zé Orgueiro*.

O Mestre, a expensas suas, encaminhou Zé Orgueiro para o Rio, confiando-o ao Director do Instituto Nacional de

Musica, apresentando-o aos mestres da arte, para que burilassem aquelle bello bloco espirital.

Ignoramos si o conseguiu. Parece que não.

Nem sempre os raios do sol penetram o amago das florestas virgens.

### VIII—Dous homens

RODRIGUES ALVES foi uma dessas individualidades raras para quem não havia bôas nem más fórmulas de governo.

Sem embargo do apreço devido aos doutos que consagram tanto saber e talento ao estudo theorico da governação dos povos, esse exemplo parece até certo ponto provar que as mais debatidas questões sociaes, no terreno da pratica, descem a um plano secundario quando os dirigentes teem as qualidades indispensaveis á sua alta missão. Aliáz, é isso mesmo o que affirma um philosopho da estatura de TH. RIBOT: « *Le succès et le revers d'un peuple ne depends pas de la forme de son gouvernement* »

Pois aquelle conselheiro, educado na rotina do antigo regime, foi a grande força propulsora das idéas e planos arrojados do joven OSWALDO CRUZ. Sem esse prestigio, talvez não se tivesse realizado até hoje o saneamento do Rio de Janeiro; e o nosso garboso Instituto não seria o que actualmente é, si o excelso Presidente não lhe vislumbrasse o deslumbrante futuro.

Não obstante o apoio firme que o Chefe do Poder Executivo dispensava ao Director da Saúde Publica, a campanha politica e jornalística contra esta attingiu a tal ponto que RODRIGUES ALVES, incitado pelos proprios amigos, se viu na contingencia de chamar o higienista e em termos ungidos de amizade pedir-lhe que, ao menos como uma satisfação ao publico, mandasse fazer algumas desinfecções pelos velhos processos, nos

casos de febre amarella, sem comtudo abandonar os expurgos preconizados pela doutrina havaneza.

OSWALDO ficou por momentos pensativo. Depois, fitando tranquillamente o digno ancião, agradeceu-lhe a delicadeza do superior hierarchico que, podendo ordenar peremptoriamente a medida conciliatoria, como era de seu direito, preferia apresental-a sob a fórmula delicada de um pedido; e terminou affirmando que a ordem seria cumprida sem tardança, bastando para isso que S. Exc. lhe nomeasse o substituto.

A um gesto negativo do Conselheiro, obtemperou o Mestre que era preciso attender a dois pontos de vista differentes, mas, de igual modo respeitaveis:

— De um lado, as exigencias politicas, talvez a estabilidade das instituições a imporem uma providencia anodina, mas opportuna. De outro lado, uma convicção scientifica arraigada, que não admitte transigencias, sob pena de deserção moral.

E concluiu pedindo-lhe insistentemente a exoneração.

Mas RODRIGUES ALVES negou-lh'a, auctorizando-o a perseverar nos seus processos prophylaticos.

Despediram-se cordialmente.

Ma! OSWALDO se retirou, ainda no topo das escadarias, disse o integro estadista a alguém que se lhe aproximava:

— É impossivel que esse moço não tenha razão!

### IX—Chefe de Escola.

Paraphraseando EUCLYDES DA CUNHA, que julgava ROOSEVELT o « maior philosopho pratico do seculo », tambem podemos considerar OSWALDO CRUZ como um dos grandes psychologos praticos da sua época.

Entretanto, o Mestre nunca estudou a sciencia do espirito; mas tinha, em compensação, o dom intuitivo de

conhecer os mysterios da alma humana, podendo assim seleccionar os auxiliares da sua confiança.

Foi isso, em grande parte, que lhe grangeou tanto prestigio entre os subordinados, na sua classe, em toda a sociedade.

Cada um dos seus coadjuvantes lhe merecia uma analyse rigorosa, realizada imperceptivelmente. Dotado de excepcional espirito de tolerancia perfeitamente humano, pensava que no homem, creatura sempre imperfeita, era bastante que as qualidades más fossem superadas pelas boas. E esses predicados Elle sabia discriminar com muita precisão, chegando a minucias inacreditaveis, para depois reduzi-los a uma synthese que podia ser considerada como um retrato espiritual talhado por mão de mestre.

Na esphera administrativa essa admiravel capacidade teve azo de se revelar innumeradas vezes.

Em Manguinhos ha um exemplo caracteristico.

Andava á procura de emprego um rapaz a cuja familia OSWALDO tributava especial sentimento de gratidão e amizade. Não havia ainda o cargo de bibliothecario do Instituto. O Mestre deu-lh'o. Mas o moço não soube corresponder aos desejos do amigo, mostrando-se tão inhabil que cahiu em pleno ridiculo e desprestigio. Naturalmente, todos extranhavam a excessiva complacencia do Director, sempre tão exigente e rigoroso. Este, porém, continuava impassivel até que, de subito, sem que ninguem esperasse, o joven desapareceu da «cidade dos livros» (que naquelle tempo funcionava provisoriamente n'um barracão de madeira) e surgiu em novo posto: no almoxarifado.

Foi uma transfiguração: o ultimo dos bibliothecarios passou a ser o primeiro dos almoxarifes. E hoje a sua prestigiada posição de thesoureiro representa um dos cargos de mais impor-

tancia na vida administrativa de Manguinhos.

Na alta esphera scientifica ia muito mais longe a penetração do psychologo, pois a investigação espiritual se aprofundou a ponto de caracterizar os diversos typos de intelligencia em todos os seus graus e especializações.

Nos ultimos tempos a sua tactica consistia mais ou menos no seguinte: acompanhava assiduamente o curso official do Instituto, cuidando de observar um por um os neophytos. Dentro em pouco o seu juizo estava feito. Excluidos os mediocres, ia fazendo a classificação dos mais aptos, segundo o pendor de cada um. Assim, por exemplo, este devia ser muito trabalhador e erudito, mas nunca teria originalidade; aquelle seria naturalista, mas sempre limitado ao circulo da systematica; n'aquello outro estava o arcabouço de um futuro experimentador, capaz de perquirir complicados problemas vitaes.

No entanto como bôm sociologo, Elle sabia que cada individuo deve ter sua missão a cumprir na commuidade, e que só os egoistas e os fátuos pretendem encerrar dentro de si todos os predicados uteis e victoriosos. Com esse criterio de perfeita sabedoria, interessava-se condialmente pelos labores de seus auxiliares, incitando-os ao trabalho, incutindo-lhes fé e enthusiasmo, ainda quando fosse minuscuro o objectivo scientifico e restricto o ambito intellectual do obreiro, porque sem essa febre vivificadora ninguem pode servir dignamente aos seus proprios ideaes.

Pois esse homem extraordinario, assim que conseguiu a primeira turma de discipulos sufficientemente versados em assumptos de laboratorio, tratou de fundar uma revista magnifica; mas desde esse dia nunca mais veiu á luz um trabalho original firmado por seu nome.

Qual teria sido o motivo que levou esse chefe de escola a subtrahir sua individualidade á evidencia dos prelios scientificos?

OSWALDO, provavelmente, imaginou que si concentrasse as suas forças com o fim de augmentar a sua producção intellectual, aureolando de novas conquistas exclusivamente o seu nome, certamente Elle serviria com fidelidade á sciencia, opulentando-lhe o patrimonio; entretanto, uma vez encerrado o cyclo da sua vida terrena, deixaria em pós a sua morte um pugillo de moços quasi todos de innegualavel valor, mas talvez desorientados, á mercê do primeiro golpe da adversidade. E como a idéa de morte prematura lhe era sempre presente ao espirito, Elle foi a pouco e pouco se deixando ficar no segundo plano, para que os seus companheiros caminhassem para a frente, cada um a fazer sua reputação á custa de pesquisas valiosas.

Não obstante, quasi todos os estudos assim elaborados recebiam a sua influencia benefica, embora muitas vezes o assumpto não lhe fôsse da especialidade. É que ninguem como Elle sabia entrever as causas de erro, as apparencias enganosas, as conclusões illogicas.

Todavia, é bem possivel que nem todos tenham sabido interpretar esse altruismo invulgarissimo, talvez não encontrado em muitos corações paternos, porque até mesmo entre pae e filho nem sempre se fala a mesma lingua, como tão elegantemente assignalou JULES LEMAITRE.

É possivel que nem todos tenham podido comprehender o sublime papel representado por esse mentor subtil, que pensava menos em si do que na gloria dos seus filhos intellectuaes.

É bem possivel que sim. Mas, si os houve, devem ter pertencido a uma das seguintes categorias: 1.—a dos cegos que não querem ver; 2.—a d'aquelles cujo espirito, segundo REMAN, é « *fermé á*

*toute idée generale* », cuja intelligencia não vae além das cousas concretas.

Como quer que seja, OSWALDO foi um d'esses homens de visão illimitada, cujo horizonte mental alcançava os phenomenos mediatos, de preferencia aos immediatos, justificando exhubarentemente um dos conceitos mais profundos da brilhante psychologia de WILLIAM JAMES « *A toutes les epoques, l'homme qui subordonne son action aux fins les plus éloignées a paru posséder la plus haute intelligence* ».

Além disso, ha sempre uma justiça eterna, superior ás boas e ás más paixões, á qual compete enlaçar insensivelmente os homens e os factos para enfeixal-os, por fim, n'um julgamento definitivo. E essa já estabeleceu de modo irrevogavel que houve no Brasil uma escola-talvez mais do que isso: uma era— a que está para todo o sempre ligado o nome de OSWALDO CRUZ.

Assim tambem, para LATINO COELHO, o eximio exegeta da civilização hellenica, a era hippocratica é um monumento de saber humano, erguido por uma pleiade de sabios que se congregaram, para servir á sciencia, á sombra do vulto symbolico do « Pae da Medicina ».

#### X—Uma sentença de morte.

Estavamos em principio de 1907.

N'aquelle anno, mais do que nunca, devia o carnaval ser animadissimo. Mal anoitecia, era um continuo e ensurdercedor rufar de zabumbas, pandeiros, reco-recos, chocalhos e outros instrumentos que fazem o acompanhamento das cantorias plebeias.

Os *cordões* preparavam-se.

Ensaio sobre ensaios succediam-se infindaveis. Todas as noites, a mesma orquestração estrambotica e infernal annunciava pelos bairros a proxima chegada do deus bulhento e brejeiro. Promettia ser celebre a funçanata final.



Todos os annos, por essa occasião, apparecia n'um solar de Botafogo a figura retinta e sympathica de uum negro, ex-creado da familia. Era alli infallivel a sua presença afim de pedir aos antigos patrões alguma roupa, calçado, qualquer cousa, emfim, com que pudesse apresentar uma fantasia carnavalesca.

D'esta vez, a sorte parecia propicia ao folião. O creoulo arregalou os olhos de contente quando viu os paramentos que lhe deram. Fascinava-o, sobretudo, uma cartola reluzente, muito alta, em bôm estado, a qual iria a calhar com uma fatiota de *doutor*, *princez* ou *urubú*, assegurando-lhe uma proeminencia cobçada entre os parceiros. Por isso JOÃO CONSTANTINO, agradecendo, partiu célere, com a alegria a lhe cantar no coração rude e sincero.

Mas não eram passados muitos minutos, eil-o de volta ao lar amigo. Sumira-se-lhe, porém, a alegria. E sem dizer palavra, saca da trouxa o chapéu alto que tanto o encantara.

Quedam-se todos ante a inesperada attitude do rapaz, que commovido levanta o fôrro da cartola e aponta ao fundo da mesma uma inscripção grosseira, a lapis:

†

Morto a bem do povo

13 de Novembro de 1904.

Passada a primeira impressão de estupor, que se desenhava em todos os semblantes, alguém lembrou e depois todos affirmaram que, com effeito, fôra essa a ultima vez que OSWALDO usára o historico chapéu que vinha revelar á familia aquella sentença traçada por mão mysteriosa no dia da conferencia no Ministerio do Interior para a leitura do regulamento da lei da vaccina obrigatoria, justamente na vespera do levante

militar (\*) contra o governo RODRIGUES ALVES.

#### XI—Jacintho.

Si EÇA DE QUEIROZ escrevesse em francez, seria um dos artistas mais celebres do mundo.

Entretanto, em Portugal e no Brasil, uma forte corrente literaria prefere esquecer o fulgor do estylista e todas as creações do psychologo para combater vehementemente o descuidado perpetrador de gallicismos e quejadas mazellas que macúlam a sua linguagem vibrante e luminosa.

Comtudo, esses mesmos quinhentistas do seculo XX acceitam como legitimos os vocabulos originarios do hespanol, do italiano e até os termos arabes que o duro dominio dos mouros impoz a golpes de cimitarra aos povos ibericos, ao passo que repellem com asco as expressões vivas e harmoniosas que expontaneamente, sem a minima coacção, não só nós como diversos povos adeantados vamos pedir á clareza e á finura do idioma de Molière.

É uma questão de gosto.

As linguas vivas, enquanto vivas forem, terão sempre, fatalmente, de permutar os seus valores; umas preferem fazel-o por bem, importando o que lhes paracer melhor; outras, ao contrario, só o consentirão por mal, a ferro e a fogo.

E os adeptos das duas escolas são irreconsiliaveis e muitas vezes aggressivos.

(\*)—No livro "Conspirações" do general DANTAS BARRETO, encontra-se a narrativa resumida do motim militar de 14 de Novembro de 1904, por elle classificado de "mal esboçada comedia politica". Trata-se de um depoimento insuspeito, que devia ser lido e meditado pela officialidade de terra e mar. É pena, porém, que o auctor não tivesse aprofundado a *genesis* d'essa rebelião urdida por positivistas exaltados, explorada por aventureiros de varias categorias, servida por militares desviados do cumprimento dos deveres.

— EÇA, dizem os pardidarios da força, EÇA DE QUEIROZ escreve mal!

— Escrevem mal todos os grandes escriptores, affirma o diabolico ANATOLE FRANCE, cheio de malicia e verdade. E prova-o, e documenta-o.

— EÇA, gritam os homens do alfanço, EÇA não conhece o vernaculo! Fulano, sim, é um mestre.

Na verdade, ao ler Fulano, temos a impressão de entrar n'uma sala de estylo classico, um desses estylos bem antigos que nos encham de respeito e displicencia. Tudo é correcto e uniforme. E ao canto, á meza tambem classica, n'uma salva de prata pesada, em copos de puro crystal (tudo classico) uma virago « de tempos idos », encarquilhada e barbirostra, mas tambem muito classica, offerece-nos uma classica infusão de camomilla.

Com o EÇA já não se dá o mesmo. Os seus salões podem ser heterogeneos e cosmopolitas, mas são claros e alegres; seus objectos d'arte seriam talvez dignos de um *bric-à-brac*, mas são encantadores; seus crystaes não são, provavelmente, de primeira, porque elle era pobre; entretanto, quem nos aguarda em suas recepções festivas é uma jovem de belleza peregrina que nos delicia com um saboroso licor espiritual.

Pois foi esse artista quem creou JACINTHO, um dos typos mais bem tallados do romance moderno, JACINTHO, o supercivilizado heróe d'«A Cidade e as serras», o qual adquiria todas as produções do engenho humano com o só intuito de contribuir para o progresso da humanidade.

Pois foi JACINTHO a alcunha escolhida pela tribu manguinhense para dar ao Mestre, que lá no seu intimo não desadorava o gracejo.

Effectivamente, para o seu Instituto Elle queria o que houvesse de melhor no mundo.

E assim aconteceu.

Desde o subterraneo até as cupulas, desde os laboratorios até ás cavallariças, Manguinhos é uma complicação de machanismos, installações e pormenores architectonicos, que só após algum tempo de iniciação, um simples mortal é capaz de entender vagamente.

O aquecimento original da estufa de seccar vidros; a distillação de agua por meio de correntes de ar comprimido e mais a condensação dos vapores, etc.; as estufas aquecidas pela agua que serviu para resfriar o cylindro do motor a gaz; a recuperação do calor contido nos gazes de escapamento do motor; o relógio central electrico e a distribuição da mesma hora por todos os laboratorios e dependencias; a serie de balanças de precisão, cada qual mais aperfeiçoada; o aparelho que regista ao longe a temperatura dos quartos-estufas; os aquarios e piscinas de agua doce e salgada, tudo complicadissimo; o gigantesco microtomo, capaz de cortar em finas fatias um cerebro inteiro; a cortina que escurece o gabinete radiographico, obdecendo apenas a um botão electrico; o dictaphone onde se gravam os protocollos das autopsias; o impressor de endereços para a expedição das « Memorias do Instituto Oswaldo Cruz »; as « Memorias » com o seu texto em duas linguas e a riqueza das illustrações coloridas; a cinematographia dos microbios; os aparelhos centraes para a producção de ar sob pressão e vacuo, que são canalizados e distribuidos por todos os laboratorios; a opulencia da bibliotheca com os seus 4 andares de aço, toda illuminada por dentro, e os seus 40 mil volumes e as suas 1.000 revistas scientificas; a sala de leitura, (\*) lindamente luxuosa, com as estalactites alvas a contrastarem com as admiraveis

(\*)—Foi sob a direção do Dr. C. CHAGAS que se concluíram as obras da sala de leitura, do museu, do hospital, etc:

obras de madeira; o bellissimo e rico museu; o hospital com uma installação resfriadora a 25°C., de modo que os doentes não soffrerão calor; a chave magica que abre todas as portas, embora de fechaduras differentes; a porta que apaga ou accende a illuminação electrica da sala das sementeiras; o edemico refeitorio, cuja columna de sustentação é uma bella arvore frondente, toda florida de trepadeiras e orchidéas; por fim, o estylo rebuscado do edificio e mais as mil maravilhas e surpresas desse sitio encantado excedem a toda e qualquer concepção jacinthica.

Pois, apesar de tudo, o nosso JACINTHO premeditava sempre novas jacinthadas e se entristecia quando lhe faltavam meios para executal-as.

\*  
\*\*

Fazendo abstracção das tres grandes descobertas do Instituto, as quaes continuam a ser, em ordem chronologica: a vaccina contra o cabunculo symptomatico (*peste da manqueira dos bezeros*), o cyclo evolutivo do halteridio dos pombom, e a doença de Carlos Chagas; excluindo o periodo de installação, em que aliáz se elaboraram magnificos trabalhos sobre a Peste,—podemos talvez dividir a evolução scientifica de Manguinhos em 7 phases principaes:

- 1ª.—hematologica.
- 2ª.—entomologica.
- 3ª.—protozoologica.
- 4ª.—helminthologica.
- 5ª.—mycologica.
- 6ª.—anatomy-pathologica.
- 7ª.—chimico-therapica.

(Que os doutos collegas nos desculpem a ousadia com que ja vamos reduzindo a simples estratificação os fructos dos seus apreciados estudos, alguns dos quaes, para evitar prolixidade, não puderam ser aqui incluídos).

Estavamos em pleno periodo hematologico.

No ardor da mocidade e das exagerações proprias das novas doutrinas, pensava-se que o só exame de sangue seria capaz de resolver todos os problemas do diagnostico e do prognostico. Reunido um pequeno capitulo da confraria dos cata-globulos, ficou definitivamente estabelecido que o principal elemento sanguineo—a hemoglobina—não possuía um processo de dosagem accetavel, porquanto esta se fazia e ainda hoje se faz grosseiramente, por meio de padrões colorimetricos, sujeitos, além disso, á variabilidade visual dos differentes observadores, conforme ficou provado.

— Nesse caso, alvitrou o Mestre, é preciso que se ache outro processo capaz de substituir os que acabam de ser condemnados.

— Perfeitamente, responde um dos rapazes. Ha um apparelho que dosa rigorosamente a hemoglobina através do ferro que esta contém: é o ferrometro.

— Mas é garantido?

— Não pode deixar de ser; a base é a mais segura possivel.

— Então compre-se o ferrometro, deliberou o Director.

Lá foi a encomenda para a Europa.

Demorou, mas um dia veio o apparelho anciosamente esperado. Custou caro, mas tinha uma caixa tão grande e bonita que com certeza havia de ser uma das maravilhas da sciencia.

Montado, tudo em ordem, entra em função o ferrometro de accôrdo com as regras do prospecto. Mas, afinal, depois de muito virar e mexer, o producto a dozar é levado a um colorimetro quasi em identicas condições ás das que acompanham os hemometros communs, condemnados pela referida collegiada de hematologos.

O ferrometro era um bluff.

Foi, porém, uma das rarissimas jacinthadas sem sorte.

## XII—Sabe com quem está falando?

Quando RODRIGUES ALVES deixou o governo, todos os seus principaes auxiliares foram acompanhá-lo até Guaratinguetá, sua cidade natal.

Na estação, por entre os figurões que se comprimiam em redor do glorioso ex-presidente, reinava certa balburdia. Todavia, o especial partiu á hora aprazada, e exactamente nesse momento um cidadão retardatario tomou o comboio, dirigindo-se para o interior de um dos carros. Ao vê-lo, o chefe de trem advertiu-o de que alli não havia logar para intrusos, e sem mais delongas fechou-lhe a porta, deixando-o do lado de fóra.

Passado algum tempo, por méro accaso, um dos graudos viajantes encontrou de pé, na plataforma do vagão, aquelle vulto que não lhe era de todo desconhecido. Approximando-se, reconheceu-o:

— O Sr. aqui?

E correu a chamar o chefe de trem, exprobrando-lhe a desconsideração feita a uma das figuras mais eminentes do quadrienio findo.

Humilde, tremulo, o funcionario desfez-se em desculpas, affirmando que não conhecia pessoalmente o Dr. OSWALDO CRUZ. Este, porém, tranquilisou o pobre homem, felicitando-o pelo cumprimento do dever, pois o unico culpado daquella situação era Elle proprio, que não havia trazido as credenciaes necessarias para a entrada no especial de luxo.

## XIII—O Beijo da Gloria.

No porto, atracado ao novo caes, um grande transatlantico.

O tempo é propicio aos passageiros, que veem encontrar um sol radioso e brando a sobredourar os encantos da terra. Por sua vez, a mão do homem havia alindado uma bôa parte da cidade outr'ora tão feia e suja. E o « vomito

« negro » que tanto horror espalhara nessas formosas paragens, já agora desaparecera da nossa Capital, onde durante meio seculo se acoitara.

Tudo convida á delicia dos passeios. A bordo ninguem permanece, ninguem perde um instante; todos ávidos de attractivos e sensações.

No caes o movimento é excessivo. Os automoveis, n'um continuo vae-vem, levam e trazem a flôr da sociedade; senhoras esbeltissimas, com a indizivel graça da mulher brasileira; cavalheiros imponentes nos seus trajes impeccaveis; jovens diplomatas pródigos de medidas; enfim, um conjuncto de gente fina e feliz.

Dentre os que compõem o vistoso ramallete mundano, destaca-se uma figura sympathica de septuagenario estrangeiro, a quem não faltam homenagens da nata social. O ancião vem receber alguns compatriotas aos quaes dispensa acolhida affectuosa, prestando-se a acompanhá-los nas excursões do ritual dos *touristes*. Mas estes já conhecem todas as bellezas classicas do Rio e por isso não chegam a accôrdo com relação ao itinerario. Entretanto, sem destino certo, lá se vão accommodando n'um automovel confortavel. Continua, porém, o dissidio, porque cada qual deseja tomar uma direcção differente. Alguem, todavia, lembra que deve haver algo *por descobrir* para os lados suburbanos, onde ainda existem vestigios da cidade antiga e de suas tradições.

Segue o carro ao longo dos impervios caminhos da *banlieue* carioca, chegando ás proximidades da estrada real de Santa Cruz, testemunha discreta das cavalgadas nocturnas de D. PEDRO I.

Aqui e alli, intercallando-se á paisagem modorrenta, alguns casebres tristes e miseraveis. Não podem ser gratos aos excursionistas esses aspectos de pobreza e melancholia. Já se fez sentir a necessidade de mudar o rumo do infeliz

passeio, quando alguém aponta estupefacto o vulto ainda longiquo de um edificio magestoso.

— Que será?

Ninguém sabe responder.

Assentam-se os binoculos, que até então jaziam inuteis a tiracollo.

O facto é que nenhum dos forasteiros atina com o que póde ser aquelle palacio encantado no meio da charneca. O *chauffeur*, tambem estrangeiro e recém-chegado, desconhece-o. E o proprio *cicerone*, ha pouco investido de altas funcções plenipotenciarias, esse só tinha na memoria lembranças da cidade pestilenta que visitara em caracter festivamente official durante o governo CAMPOS SALLES.

Assim, uma ponta de curiosidade começa a picar o espirito dos itinerantes. Resolvem proseguir. Já passam insensíveis os socavões da pessima estrada. De nariz para cima, excitados, todos reclamam a solução do inesperado problema que lhes aguça o senso artistico.

Mas nesse comenos o automobilista pretexta dificuldades e deseja regressar ao centro da cidade. Os viajantes, porém, a nada attendem e exigem a continuação da jornada, até que pelo menos se approximem do soberbo castello que já deixa perceber aos conhecedores as linhas architectonicas do seu estylo.

— Dir-se-ia que andamos por terras de Hespanha, lembra uma das senhoras.

No emtanto, o homem do automovel dá por intransponivel a má estrada. Não se expõe a perder o ultimo pneumatico que lhe resta. Os passageiros, porém, lhe impõem o proseguimento. Dificuldades, hesitações tudo vae de vencida. Só reina um desejo incontido: esquadrinhar aquella obra d'arte, ignorada, perdida n'um triste rincão suburbano.

Por fim, o *landulet* deslisa nas alamedas primitivas da propriedade rural e chega ás portas do monumento.

Curioso contraste: ao emvez do silencio em que jazem todas aquellas redondezas, alli, no castello magico, tudo é trabalho e movimento. É uma colméia humana installada nas magnificencias de um palacio. Desde o porão do edificio, onde rangem usinas electricas e aparelhos complicados; desde as cavallariças luxuosas, onde relincham numerosos animaes nutridos,—tudo, até aos andares superiores onde palpita intensa vida intellectual, tudo contrasta com a monotonia dos paúes visinhos e a placidez do mar que vem morrer em salsugem no longiquo reconcavo.

Tudo isso pasma e confunde os observadores.

Cautelosos, delicados, miram ainda á certa distancia e esplendor da construcção. Lê-se-lhes nos olhos o suave prazer que só sabem fruir as almas dotadas de natural pendor artistico ou educadas no requinte das velhas civilizações.

Ao pessoal da casa já não passa despercebida a chegada dos curiosos. Precisamente áquella hora, vae partir um carrinho rustico, cheio de rapazes alegres e palradores. Um destes é chamado com urgencia e logo de relance reconhece entre as visitas um nome bemquisto na politica internacional do A B C.

Os recémvindos sobem com todas as honras as escadarias do Instituto «Oswaldo Cruz».

Do selecto grupo distingue-se uma singular figura de mulher, que ora caminha na vanguarda a colher novas emoções, ora se detem enlevada a perquirir pormenores architectonicos.

— *C'est du style mauresque très pur!* affirma ella embevecida.

Era uma alma de artista. Com naturalidade deixou descerrar-se um véo de modestia que mal lhe podia velar o espirito scintillante. Fallava correctamente francez e hespanhol, além da sua lingua patria-a romena; não desconhecia

o inglez; e revelou conhecimentos de allemão, ao lhe ser apresentado um professor tedesco que se achava em Mangui-nhos. Tinha-se a impressão de que ao seu entendimento nada era vedado. E, finalmente, para coroar tudo isso, um typo de belleza classica. Não desses typos que alguns homens olham com maus olhos. Ao contrario; a educação, os ornamentos espirituaes, o respeito de si mesma e até a propria perfeição plastica a erguiam n'um pedestral não attingido pelos assomos dos ousados. Emfim, si não lhe bastasse esse raro conjuncto de predicados, teria ella ainda a resguardal-a umas lindas madeixas brancas que lhe cingiam a fronte pensadora.

— — —

A visita está a findar no pavimento superior. No terraço todos se debruçam melhor gozar o bellissimo horizonte que se descortina em todos os quadrantes.

O dia vae morrendo. Uma sombra doce e tranquillã pervaga lentamente pelos campos e morros silenciosos; e além, agonizante, o esplendoroso sol brasileiro a se desvanecer na orgia polychromica do seu estupendo funeral.

O quadro é realmente empolgante.

Mas já agora os dignos estrangeiros não teem apenas a gabar a nossa decantada *natureza*. Alongando vista, entreveem a cidade bella, palpitante, saneada. A seus pés, o grande Instituto nacional.

Dous sonhos realizados, a um só tempo, pelo mesmo homem!

Por isso, dos labios dessa dama singular, vinda de longes terras, d'essa mysteriosa figura feminina—um tanto de deusa antiga e outro tanto de mulher—parece partir um beijo immaterial e puro, desses que glorificam para todo o sem-a vida de um heroe.

#### XIV—Depois da Tormenta.

Do obituario havia desaparecido a

quota com que a febre amarella se habituára a contribuir.

Após o trabalho do dia, aproveitando um momento de bom humor, conversam a sós dous homens que tinham pelejado rudemente durante a refrega.

— Aqui, entre nós, agora que está tudo acabado e que a victoria é sua: Você foi de uma temeridade inaudita!

— Porque?

— Pois Você, logo de começo, tendo contra si a imprensa, a politica, a opinião publica; sem a solidariedade da classe medica, nem a convicção dos seus auxiliares; tratando-se, emfim, de uma doutrina muito nova, mal conhecida, Você, inteiramente só, assumir um compromisso daquella ordem e, ainda por cima, com o prazo improrogavel de 3 annos!...

— E que tem isso?

— Você se arriscou muito.

— Ora, meu caro, si a doutrina fosse erronea, nem em 3, nem em 30, nem em 300 annos daria resultado. Mas eu tinha certeza da victoria.

— Perfeitamente. No emtanto, como tudo neste mundo é fallivel, si Você perdesse a partida?

— Então, PEDROSO, Você accredita que eu seria capaz de sobreviver a tal fracasso?

#### XV—Trabalho e Justiça.

Quando verificou que a sua campanha prophylatica estava em caminho da victoria, OSWALDO pensou n'uma grande remodelação sanitaria que abrangesse todo o paiz, especialmente os portos do nosso extenso litoral, quasi sempre á mercê de invasões epidemicas. Tratou, pois, de colligir os dados para esse grandioso trabalho, emprehendendo uma viagem exhaustiva e incommoda ao longo toda a costa brasileira e dos principaes rios navegaveis, embarcando para isso, em companhia do Dr. J. PEDROSO, no « Republica », vaporzinho de pequeno ca-

lado, pouco maior do que um rebocador.

Foi uma excursão penosissima para quem, como Elle, enjoava até vomitar sangue, conforme o grau de agitação do navio. Não obstante, seguiu o seu roteiro, sem supprimir uma só parte do itinerario previamente traçado.

Para o cabal comprimento da sua missão levou comsigo tudo que lhe parecia necessario, **inclusivamente um completo laboratorio ambulante.**

Esqueceu-lhe, porém, uma cousa: os discursos. E por sua desdita rara foi a capital que não o mimoseou com um banquete obrigado a brindes de circumstancia. Isso para Elle consistia em duro sacrificio, porque ninguem mais refractario á arte oratoria. Emfim, cumpria resignadamente o seu fadario, agradecendo no intimo a sinceridade das homenagens, apreciando a eloquencia dos bons tribunos. Mas quando lhe tocava a vez de « deitar o verbo », quando maior era a **anciedade dos convivas por ouvir a palavra do sabio**, este se erguia da cadeira, proferindo singelamente, invariavelmente, a seguinte oração:

— Meus senhores, agradeço-lhes sinceramente a homenagem que acabam de me prestar.

E sentava-se.

Quando, porém, se fazia mister enunciar uma idéa de real utilidade, sabia achar meios de apresental-a, a despeito do seu costumado laconismo.

Um exemplo disso foi o seu discurso de posse na Directoria de Saúde Publica, no qual resumiu em duas palavras um bello programma administrativo: « Trabalho e Justiça »,

Effectivamente, quasi toda a vida publica d'esse homem parece que se firmára n'essas **duas columnas.**

\*  
\*\*

Outras peças oratorias, muito fugiram á sua sobriedade verbal.

Está n'esse caso o discurso na Academia Brasileira de Letras, no qual se lhe azou ensejo de entoar um hymno á justiça humana encarnada na pessoa do «bôm juiz» que era o poeta RAYMUNDO CORREA. E uma pagina de encantador e forte optimismo, em que, procurando realçar o character peregrino e a delicadissima sensibilidade do seu antecessor no referido areopago, o Mestre, sem o querer subconscientemente, foi decalcando a sua propria alma, irmã gêmea da do excelso cantor das « Symphonias ».

Abramos alas, respeitosamente a um dos mais profundos trechos do nobre pensador:

« Foi para RAYMUNDO CORREA enorme tortura quando certa reforma judiciaria veio estabelecer o julgamento de alguns crimes pelos juizes singulares. Teria, por si só, de resolver da sorte e da liberdade de individuos, visto que fôra investido das funcções de pretor, a quem competiam julgamentos tais. O menor pleito judiciario era para elle verdadeiro caso de consciencia. Pesava todas as circumstancias, procurando sempre se apagar áquellas que fossem atenuantes, quando não podia enconral-as dirimentes. Sabia pelo estudo da historia da criminologia, que as provas materiais, mesmo as que parecem mais nitidas, mais eloquentes, podem não valer cousa alguma. Sciente estava que seu julgamento podia, sinão destruir a vida, ao menos aniquilar a honra de um individuo, ou, o que é mais, de uma familia. Quando tinha de se pronunciar de modo categorico, o nosso *bom juiz* soffria, torturava-se e sempre que possivel era, absolvía o reu. Naturalmente, si assim o fazia, é que, mesmo nos casos patentes de crime, se tinha podido apegar a uma dessas **nugas** que a pragmatica forense exige, e cuja não observancia pode tornar nulo o processo ou insubsistente a acção judicial. As agitações intimas que se desencadeiavam no cerebro e coração de RAYMUNDO COR-

REA eram verdadeiras procellas. Muitas vezes, a razão votava condemnando, mas o coração absolvía e nesta difficilissima conjectura, em que espiritos menos perfectos vacillaram em se resolver ou pelo cerebro ou pelo coração, o nosso juiz encontrou a formula verdadeiramente milagrosa, ditada pelo coração com pleno assentimento da razão e que deve servir de norma, de roteiro para aquelles que têm de exercer o difficilissimo myster de julgar e punir. RAYMUNDO CORREA, com sua intelligencia primorosa com sua cultura juridica perfeita, sabendo a fundo o valor das leis, o porquê e para que foram ellas feitas, pensou—e pensou muito bem—que o juiz não deve ser um automato, que se não deve cingir exclusivamente ao texto escripto, senão interpretar e applicar, com intelligencia e bondade ao caso concreto as disposições legais correlatas.

Assim, pensava que o castigo, a punição e o publico vexame só valiam como tais. Para certos espiritos, essas medidas eram contraproducentes; obrigavam a seguir sempre pelo caminho do mal, individuos que, dotados de bõo temperamento, foram victimas de reflexo de momento, que fez com que incidissem em penalidades dos codigos, tornando-os eventualmente delituózos. Ora, observou RAYMUNDO CORREA, conhecedor como como era da psychologia humana, que para tais pessoas mais valia que se lhes reconhecendo o crime, não se lhes desse o publico castigo, a que tinham feito júz, segundo a lei escripta. Absolvía. Com um appello em regra aos bons sentimentos que restavam, e, por vezes, sobravam, entregava o criminoso de novo á sociedade, cobrindo-o com o veu protector da bondade. Com o estimulo que fazia aos bons sentimentos, despertava-os e, assim acariciado, e preso pela gratidão, fazia bõo e util tal individuo, que num desvario de momento se tornara criminoso, ou tal outro, que mal orientado na vida, sem o apoio de pala-

vra ou conselho amigo se constituiria, quasi incientemente culpado, ou ainda aquelle que, victima da injustiça humano, se fazia criminoso por vindita contra uma sociedade toda cheia de falhas e que se arvora em puritana para torturar os infelizes que, por desgraça momentanea ou pelo mau entender do que seja a moral social, se tornaram criminosos. Em casos tais, RAYMUNDO CORREA absolvía ainda. Dada, porém, a liberdade em publico e para o publico, chamava em particular o delinquente a seu gabinete e, portas a dentro, a sós, com os ferrolhos corridos, sem testemunhas, exprobatava forte e dolorosamente o criminoso, mostrava-lhe as bases fundadas que tinha para condemnal-o e, com a lojica acolchoada de bondade, com a sua palavra meiga, com seu espirito de poeta, fazia um pedido, solicitava, implorava ao infeliz que abandonasse o máo trilho em que se metêra. Dizia que lhe dêra a liberdade em troca da promessa formal, que estava certo de obter, de que não reincidiria na culpa e que se tornaria cidadão prestavel. Acabava sempre solicitando que não consentisse que a sociedade o acoimasse, a elle, de juiz injusto e máo, que abria as prisões para soltar no seio da sociedade os criminosos, quais outras fêras destinadas a destruil-a. E os argumentos calavam fundo e, não raro, as lagrimas que corriam aos pares dos quatro olhos que se fitavam eram o sêlo do pacto que tacitamente se firmava... e a sociedade lucrava um elemento são que a ella de novo se assimilava como quantidade util e productiva, e o juiz sentia o indizivel prazer do dever cumprido, satisfazendo plenamente sua consciencia, ao passo que o coração se dilatava concio de ter effectuado obra meritoria.

E assim eram os julgamentos de RAYMUNDO CORREA.

É indubitavel que não faltam espiritos irredutíveis que julgam que a espada de Themis deve ser massiça, pe-



zada e inflexível, que não pode ter a maleabilidade do florete, que é preciso ferir sempre fundo no coração e não pode provocar arranhadura compatível com a conciliação. Espíritos ha que pensam que o crime, quando crime existe, só encontra remedio nos formularios dos codigos e que só estes são capazes de trazer a cura para essa molestia social. Se assim fosse, não havia mistér de juizes. Bastava que se encommendasse ao inexgotavel genio inventivo dos Americanos do Norte certa machina, destinada a fazer julgamentos, e em que se entrasse com o facto erguido de criminoso e os artigos do codigo. Qualquer operario boçal daria á manivela e a pena seria distribuida pelas entrósas do machinismo.

Não é essa a funcção do Juiz e nem ha codigo possivel que pretenda encarar todas as faces do problema, tão multifaria é a psychologia humana. Os codigos são sómente instrumentos grosseiros para avaliar os phenomenos psychologicos. Devem conseguir as ocillações maxima e minima a que póde ser levado o espirito do Juiz, mas não devem constituir apparelho de precisão para medir delitos e distribuir justiça. Os remedios que aconselham, por mais anódinos que pareçam, são por vezes recursos ultimos e ainda muito grosseiros e de que os Juizes só devem lançar mão como medidas supremas e que, praticamente, devem dormir na gaveta dos que julgam. A persuasão, as boas palavras, a convicção, a tolerancia bem entendida e ampla, o exemplo e a justiça que na balança de julgamento use como peso a bondade e a clemencia, collocando-se sempre, no julgar, o Juiz na posição do réu, eis as boas normas que devem seguir aquelles a quem é confiada a difficilima tarefa de julgar, e a mais difficil ainda de punir.

Esse modo de encarar a justiça no julgamento das culpas, quando abandonado, deu por vezes lugar a resultados

verdadeiramente desastrosos. Se folhermos a colletanea criminologica, vemos que muitos dos criminosos celebres se tornarem tais como represalia á injustiça de que foram victimas por occasião da primeira culpa. Muitas vezes era esta perfeitamente justificavel e sobre ella bem se poderia deixar cair o esquecimento. Assim, menos criminosos e mais homens proveitosos haveria na sociedade. O typo do «Plumitas» o bandido celebre, temor da Hespanha, tão bem estudado por Blasco Ibañez em seu livro *Sangre y Arena*, é um desses monstros sociaes, filhos da injustiça humana. O genial VICTOR HUGO encarna na figura sympatica do tão bôm quão infeliz JEAN VALGEAN a victima dos juizes que só julgam pela razão. Essa maneira de interpretar a Justiça concretizou HUGO ainda na figura mesquinha, de horizontes limitados, do impoluto executor da Justiça humana, JAVERT, que preferiu a morte a analysar á luz serena da bondade e decisão dos Tribunais que condemnou ao carcere *aquelle que furtou um pão*.

De monstros, filhos da maneira illogica de distribuir a Justiça, estiveram e estão ainda cheios os sertões de nosso paiz.

Os sertanejos honestos, de hontem, hoje cangaceiros criminosos, por vingança, acham por ignorancia de nossa moral social, que castigar o individuo que os injuriou é acto meritorio, não passivel de pena. Punidos, preferem romper com a sociedade e se tornarem bandidos. Assim surjiram o JESUINO BRILHANTE e o famijerado JOSÉ ANTONIO, do Fechado, no Ceará, e o terror actual dos nortistas, ANTONIO SILVINO, que ainda hoje rega de sangue os sertões adustos dos resequidos Estados do Norte do Brasil. O ponto de partida da vida ensanguentada dos cangaceiros foi quasi sempre um desses rigores mal interpretados na applicação da justiça em crime inicial, passivel de tratamento

que entre nós instituiu o juiz-poeta, que foi RAYMUNDO CORREA, que tão bem soube aliar os dictames da razão aos do coração, sem subordinar um ao outro.

Com a pratica desses são principios as penitenciarias teriam menos habitantes e a sociedade lucraria outros tantos elementos de utilidade... Quando muito, haveria mistér de mais alguns logares nos manicômios:—são os casos incuraveis.

As idéas directrizes dessas considerações já impressionaram certos paizes, como a França, que fez incluir nas suas leis a denominada *lei Béranger*, que só dá a condemnação moral sem exigir o cumprimento da pena aos que, gozando de bons antecedentes, commetteram a primeira falta. É o reconhecimento, de um lado, da falibilidade da Justiça humana, e de outro lado, da confiança no estímulo ás forças de rejeção de caracter dos culpados.

As consequencias praticas desta benefica lei não têm ainda o alcance consideravel da solução que ao problema deu entre nós RAYMUNDO CORREA, que absolvía publicamente e condemnava em segredo e juntava, assim, no seu condemnado todos os sentimentos intimos e esparsos que formam o *brio* e obtinha a cura do seu doente moral.

Naturalmente, o systema de therapeutica juridica de RAYMUNDO CORREA não póde ser consubstanciado em lei, é uma acção personalissima: o remedio é o Juiz. Seria necessario que desaparecesse: 1º o julgamento pelas colectividades como o «jury»—theoricamente instituição admiravel, na pratica pessima; 2º que todos os julgamentos fossem feitos por juizes singulares que deviam pautar seu proceder pelo do inovidavel Juiz que foi RAYMUNDO CORREA, o medico leigo dos espiritos, que mais fez, absolvendo, que os outros condemnando ».

\*  
\*\*

Tambem a OSWALDO, por entre as formidaveis luctas da sua vida publica, se antolhava sempre oportunidade de exercer as funcções de «bôm juiz».

Cada companheiro, cada subordinado, cada servente encontrava no Chefe o espirito de justiça que Elle instinctivamente soube descobrir em RAYMUNDO CORREA, embora nunca o tivesse conhecido pessoalmente. Estão vivos, felizmente, quasi todos os seus colaboradores, altos e humildes, que podem ainda rememorar com saudades a acção justa e meiga, os conselhos paternaes do censor discreto e amigo que em toda a sua carreira administrativa só uma vez se viu forçado a demittir a bem do serviço publico um infeliz funcionario prevaricador contra quem se accumularam provas e documentos insophismaveis. E foi esse um dos seus dias mais tristes, porque, com toda aquella apparencia de Director severo, no intimo não passava de um coração profundamente humano, que acreditava na regeneração dos máus e tinha sempre o perdão facil para as creaturas inditasas.

Em Manguinhos é bastante conhecido o caso de um serventuario que fôra outr'ora um ebrio quasi desclassificado, um typo turbulento e perigoso, sempre armado e aggressivo, a ameaçar a paz da visinhança. OSWALDO, contra o consenso geral, chamou-o para perto de si, deu-lhe commissões de confiança, exhortando-o com palavras bondosas ao cumprimento dos deveres de homem de bem.

Jamais se viu transformação maior. O que o chanfalho policial, os termos de bem viver, os processos judiciaes nunca conseguiram em muitos annos, alcançou-o em poucos mezes o coração do Mestre. E esse rapaz obscuro, mas intelligentissimo, é actualmente um digno chefe de familia, funcionario irrepre-

hensível e até pequeno proprietário. Deixou para sempre o vício e as armas prohibida. Estas só em uma unica hypotese teria sido capaz de retomal-as: em defeza do seu bemfeitor.

Quem estiver ao par da historia de Manguinhos e da Directoria da Saúde Publica poderá relatar não um, mas diversos episodios comprobantes dessa extraordinaria capacidade de restaurar caracteres, a qual era talvez a virtude dignificante do Mestre.

No emtanto, um homem d'esses, que contava com tantas e tão extremadas abnegações e ao mesmo tempo tinha a vida constantemente ameaçada, esse chefe só achava uma difficuldade por parte de certos amigos: convencel-os de que a cabeça de seus inimigos, por mais ignobeis que fossem, era ainda mais sagrada do que a d'Elle proprio.

----

N'uma esphera mais elevada, entre os chamados intellectuaes, não era menor a sua influencia bemfazeja. Bohemios incorrigiveis, doutores ignorantões, jovens apathicos, emfim, uma serie de vencidos, fadados á obscuridade e talvez ao mal, receberam a acção galvanizante d'esse magico, tornando-se cientistas, administradores, profissionaes de comprovada habilidade, cidadãos prestantes. Por isso, um espirito finamente observador impressionado com a radical metamorphose de alguns moços manguihnenses, costumava dizer que o Instituto não era apenas uma casa de sciencia, senão tambem uma escola correcional.

De facto: para as sentenças magnanimas de RAYMUNDO CORREA só mesmo a caroavel penitenciaria de OSWALDO CRUZ.

----

Ninguém poderá negar que uma das cousas mais sublimes d'este mundo é o

sentimento de justiça, que tão raramente exorna um ou outro ser predestinado.

Agora imagine-se que qualificativos devem ser conferidos a esse mesmo sentimento, quando a justiça é severamente applicada ao proprio individuo que a possui, isto é, ao juiz de si mesmo...

Exemplifiquemos:

Estava fundado o Instituto Oswaldo Cruz; jaziam por terra a febre amarella e a peste; já o Congresso de Hygiene de Berlim havia pronunciado o inappellavel *veredictum* que outorgava ao Mestre o titulo de primeiro hygienista do seu tempo; e até a mesma imprensa carioca, outr'ora tão furibunda, só tinha blandicias para o nome do grande saneador.

Senão quando uma voz dissonante surgiu a quebrar a monotonia d'essa unanimidade louvaminheira.

Em vez de seguir os processos de DIDEROT, o creador «*de la critique des beautés, qu'il substitua à celle des defauts*», conforme refere SAINTE-BEUVE, em vez disso, alguém houve que, escabichando a cultura do sabio, topou uma falha gravissima: OSWALDO não sabia portuguez.

Outro qualquer, por muito menos, faria como o celebre arce-bispo de Granada com o pobre do Gil Braz de Santilhana. O Mestre não. Quando essa noticia lhe chegou ao conhecimento, Elle por instantes ficou perplexo. Mas logo após, recolhendo serenamente á sua torre de justiça, analysando a subtanea objurgatoria, consultando a propria consciencia, sopesando os elementos de accusação e os de defeza, despojando-se dos seus louros immarcessiveis, sentando-se no banco dos réus ao mesmo tempo que se revestia das insignias de juiz concluiu de si para consigo que, na verdade, não sabia sufficientemente a sua lingua.

Poderia, si quizesse, recorrer ás atenuantes, que as tinha em profusão, porque o tempo consagrado á sciencia,

às linguas estrangeiras e, sobretudo, ao bem do proximo não lhe sobejára para as caturrices philologicas. Não, nada de attenuantes para si. Sua condemnação havia de ser formal, rigorosa, com trabalhos forçados: condemnou-se a estudar portuguez. E desde esse dia não teve descanco enquanto não saneou os seus conhecimentos de vernaculo.

### XVI—Oswaldo e Balzac.

Foi o creador da « Engenie Grandet » quem, talvez, melhor definiu a gloria. Propriamente, não a definiu, mas exemplificou, o que é preferivel e quasi sempre mais acertado.

— *La gloire* (dizia elle) *a qui en parlez-vous? Je l'ai connue, je l'ai vue.*

E narrava com especial sabor que, viajando na Russia elle e alguns compatriotas, surprehendidos pela noite, resolveram pedir hospitalidade n'um castello, onde foram todos acolhidos com a sympathia que outr'ora os russos prodigalizavam aos francezes.

Immediatamente, uma das fidalgas foi em pessôa ao interior do palacio buscar alguma cousa para matar a sêde aos viandantes.

Entrementes, os recém-vindos dão-se a conhecer e palestram com animação, quando a amavel dama reaparece trazendo em suas lindas mãos patricias uma bandeja com tudo que havia de melhor na adega. Mas precisamente nesse momento ella ouve a castellã dirigir-se a um dos forasteiros:

— *Eh bien! Monsieur de Balzac, vous pensez donc...*

Tal a surpresa, tal a emoção da aristocrata que ella deixa cahir e quebrar-se a rica bandeja com os finos crystaes e tudo que n'esta se continha.

— *N'est-ce pas la gloire?*—concluia sorrindo o psychologo de « *La femme de trente ans* ».

\*\*

Tambem OSWALDO, n'uma excursão pelo interior de Minas, ao passar por uma fazenda, resolve pedir uma hora de sombra e repouso.

Recebem-n'o cordialmente. E, como é de praxe, servem-lhe o bôm café, symbolo da hospitalidade sertaneja. Mas não consta que alguém tenha deixado cair a salva das chicaras, como faria qualquer archiduzesza russa. É certo, porém, que a dona da casa, ao saber que tem sob o seu tecto o grande brasileiro, corre aos seus aposentos trazendo um nédio e bochechudo pimpolho, apresentando-o, cheia de orgulho e felicidade:

— Meu filho. Chama-se OSWALDO... por sua causa...

*N'est-ce pas la gloire?*

### XVII—O Artista.

'Da sciencia, que investiga o homem e a natureza, não é difficil a transição para a arte, que realiza no mundo sensivel e exterior o conceito subjectivo do bello',

Latino Coelho.

DARWIN confessou com extraordinaria franqueza que, depois de ter tido na juventude certo gosto pelas artes, acabou por perdê-lo totalmente, a ponto de seu cerebro se transformar n'uma especie de machina para extrahir leis geraes de um bloco enorme de factos. E disse que, si tivesse de recommençar a vida, assumiria comsigo mesmo o compromisso de uma vez por semana ler um poema qualquer, ou ouvir um pouco de musica, por acreditar que esses prazeres constituem uma felicidade e a sua perda prejudica provavelmente a intelligencia, o character e a capacidade emocional da natureza humana.

Parece que não são muito raros os individuos que se caracterizam por um exaggerado exclusivismo intellectual, porque é sabido que a hypertrophica de certas zonas cerebraes muito trabalhadas se faz acompanhar, frequentemente, da

atrophia de outras que não o são, em conformidade com um principio geral de physiologia.

A biologia com todas as suas especialidades, a mathematica, emfim, todas as sciencias e tambem as artes costumam ter cultores que vivem hermeticamente fechados no circulo dos seus pensamentos, das suas idéas fixas. Quasi sempre são homens de valor, dentro das profissões, mas, fóra d'ahi, para elles o mundo não existe; tornam-se por isso creaturas antipathicas, sem amigos sinceros, isolados em plena communhão social.

É, portanto, significativa e commovente a confissão do immortal sabio inglez, cuja franqueza tão pura quanto o seu genio soube traduzir fielmente o arrependimento do ancião que viu morrerem dentro de si, um a um, todos os sentimentos artisticos, as sensações suaves que amenizam a existencia dignificando a alma.

Que a advertencia partida de tão alto aproveite a alguns jovens especialistas que estão sempre a olhar com desdem as lucubrações alheias e por isso sempre a confirmar a deliciosa ironia d'aquelle philosopho para quem cada um de nós, por mais pequenino que seja, se julga no intimo uma especie de centro de systema planetario...

----

Felizmente, no largo espirito de OSWALDO havia logar para tudo.

N'Elle se casavam á maravilha as cogitações scientificas e os anhelos de arte. Como LEONARDO DA VINCI, sabia associar « *l'audace du rêve à la precision de la science, la fantaisie la plus merveilleuse à la raison pure* ».

Comtudo, para sermos exacto, devemos dizer que não lhe era accentuado o senso musical, o que aliás se verifica mais ou menos na sua descendencia, porquanto os seus filhos, na maioria, não

teem ouvido nem manifestam gosto para a musica, apezar dos apreciaveis dotes musicas que poderiam herdar pelo lado materno. Entretanto, já é notavel o pendor que alguns d'elles apresentam para as artes plasticas, destacando-se n'uma de suas filhas, eximia retratista, cujo talento era um dos orgulhos do Pae e já mereceu elogios de mestres como HENRIQUE BERNARDELLI e J. BAPTISTA DA COSTA.

Parece-nos que taes factos teem uma relevancia incontestavel: 1º—porque está estabelecido pelos melhores observadores que os sentidos são, de regra, transmittidos pela herança, mórmente o do ouvido, conforme o celebre exemplo de BACH, que contava 57 musicos eminentes em sua familia; 2º—porque, ao lado do mau ouvido da familia CRUZ, sobresahe o gosto pelas artes plasticas, que se relacionam com a vista, o mais nobre de todos os sentidos e tambem passivel de transmissão hereditaria.

Por conseguinte, si « *le semblable produit le semblable* », o Mestre possuia virtualmente um dom artistico que, por falta de technica e em virtude do rumo que tomou a sua vida, não pode concretizar-se em obras, mas logrou passar a alguns dos herdeiros, particularmente áquella filha em que se reflectem muitas das ricas prendas paternas.

Não temos, pois, duvida em affirmar que Elle era pintor, esculptor e architecto. Ninguem o sabia, mas era-o. Naturalmente, no mundo corriqueiro dos que vivem para as cousas concretas, tal homem nunca seria artista do pincel ou do escopro, simplesmente porque não sabia manejar-os. Mas, si admitirmos uma arte subjectiva que palpita na imaginação de certos espiritos privilegiados, essa OSWALDO a teve de modo inconcusso, talvez muito mais amplamente do que alguns dos chamados criticos da arte, os os quaes, exceptuados um DIDEROT, um JOHN RUSKIN e outros de grande visão esthetica, não costumam passar

dos contornos, da perspectiva, dos coloridos, em summa, da face puramente technica e material.

Para a observação de uma tela, uma estatua ou um monumento architectonico julgamos que o Mestre dispunha de um processo personalissimo: um mixto de analyse artistica e scientifica, culminada por uma synthese onde fulgurava o seu admiravel senso de proporção e harmonia e a mais admiravel ainda interpretação psychologica. Com aquelle equilibrio perfeito, que foi um dos segredos e uma das maravilhas da sua vida espiritual, punha o rigor da sciencia ao serviço da arte, mas por fim deixava-se arrebatado nos transportes do poeta, que só tem olhos para o bello.

----

Sentia-se que no seu viver intensamente agitado ainda lhe faltava qualquer cousa. Não que algum dia o dissesse, pois, não era attreito a confidencia; mas quem o observasse attentamente havia de lobrigar-lhe um vago anseio, que talvez nem Elle mesmo soubesse definir e que era inexplicavel na sua vida gloriosa, cheias de ideaes realizados.

É que não lhe sobrara tempo para expandir a sua alma de estheta, desenvolvendo-se no tirocinio de uma das artes plasticas.

Nos seus raros momentos de ocio, ou quando se via coagido a ouvir narrativas enfadonhas, como acontecia muitas vezes nas audiencias que na Directoria de Saúde Publica tinha de conceder a pessoas desinteressantes, curvava-se sobre um papel e com lapis de cores ia traçando figurinhas e outros desenhos, onde por entre a confusão dos rabiscos se percebiam traços e linhas delicadas.

Era o seu entretenimento predilecto.

Aos domingos, consagrados inteiramente ao lar, dedicava-se tambem á photographia, em que se tornou perito, como que a procurar uma sorte de

succedaneo n'essa tristonha arte scientifica. Mais tarde (não sabemos ao certo qual o motivo) talvez após uma excursão pelos principaes paizes europeus, talvez depois que conheceu a Italia, deixou de gozar o mesmo encanto que outr'ora achava na sua « KODAK ».

Não consta que lhe sahisse dos labios tal confissão. Todavia, é provavel que, depois que seus olhos fitaram as grandiosas obras legadas á posteridade pela arte italiana, jamais lhe fugissem da retina as impressões que o prostraram em extase deante de tantas cousas divinaes.

----

Mas onde a sua esthetica attingiu ao auge foi na architectura.

Era natural que assim fôsse, pois essa é a maior de todas as artes, na opinião de J. RUSKIN, que exige para todo o architecto digno desse nome as qualidades de grande pintor e grande esculptor.

Aqui, porém, o senso artistico de OSWALDO não se quedou em platonismo. Aqui, mau grado a ausencia de technica com que teve sempre de haver, conseguiu idear e erigir um monumento que constitue uma das glorias archtectonicas do Rio de Janeiro.

Para isso, tomou de um moço obscuro, sondou-lhe a intelligencia, que era portentosa; e, graças á sua invejavel capacidade de orientador, rapidamente transmudou-o n'um profissional perfeito, armando-o cavalleiro para as pugnas da arte, fazendo-o tambem completo especialista em construcções de hospitaes e laboratorios.

Ahi está como se levantou da abandonada restinga de Manguinhos esse magestoso palacio que é, em synthese, um ideal scientifico engastado n'um devaneio esthetico.

Como tudo em OSWALDO tinha a sua razão de ser e obedecia sempre a

logica inflexível, temos meditado muitas vezes sobre os motivos que o levaram a eger, dentre tantas escolas imponentes, o tão desprezado estylo mourisco.

Debalde foram resolvidos os archivos do Mestre, bem como consultadas opiniões valiosas. Tudo em vão. Tambem a exigua bibliographia compulsada só nos apontava a superioridade da civilização greco-romana, ao lado da pobreza de inspiração e da falta de originalidade da arte arabe. No emtanto, esses mesmos auctores, quando se referem ao Alhambra, deixam fugir da penna sinceros adjectivos encomiasticos que bem delatam o enlevo produzido pelo extraordinario castello que os sarracenos deixaram em Granada como o expoente maximo da sua concepção artistica.

Talvez falasse ao coração do Mestre essa desdenhosa injustiça com que os dignatarios da esthetica dominante costumam tratar a arte musulmana, sempre tão subtil, tão caprichosa, tão viva e tão attrahente que apezar de todos os preconceitos arrebatava os que a contemplam desprevenidamente, sem o grilhão dos dogmas doutrinaarios.

Porque tudo n'ella é innegavelmente encantador. Porque ella faz lembrar uma roupagem finissima com que a delicadeza humana recobre a superficie nua dos edificios; porque semelha as rendilhadas vestes das mulheres, notadamente as mantilhas com que as sevilhanas resguardam suas formas graciosas; porque emfim, si EÇA DE QUEIROZ tivesse de talhar materialmente o seu entresenhado « veu diaphano da fantasia », talvez o fizesse de arabescos...

Talvez por isso, um dia, surprehendendo-o a olhar embevecido o seu palacio, alguém não se conteve, perguntando-lhe *ex-abrupto*:

— Qual o motivo que o levou a proferir o estylo mourisco?

— Porque é o mais bonito, respondeu n'aquelle tom simples, caracteristico das verdades sem refulhos.

E voltou a mirar enamorado a sua obra.

### XVIII—Gonçalves Cruz.

Le culte des ancêtres est la racine de toute religion.

A alguém que o felicitava por ter o governo dado o nome de OSWALDO CRUZ ao antigo Instituto de Manguinhos, respondeu o Mestre, entre serio e risinho, que nada tinha a ver com essa homenagem.

— Como assim?

— Porque esse não é o meu nome.

Realmente, quem rebuscar os archivos á procura de papeis por Elle assignados, difficilmente encontrará firmados por seu punho esses dous nomes. Officialmente assignava-se—GONÇALVES CRUZ, ou então, abreviadamente, como rubrica—GLZ CRUZ. Nas cartas intimas, o simples prenome: OSWALDO. Em escripturas, actos solemnes: Dr. OSWALDO GONÇALVES CRUZ.

No emtanto, o Brasil inteiro conhecia por OSWALDO CRUZ.

Ha bastante tempo, em Bello Horizonte, o Presidente recebera um telegramma assignado—GONÇALVES CRUZ. Debalde os officiaes de gabinete e outros funcionarios foram consultados a respeito dessa firma desconhecida. Ninguém decifrava a incognita. Só no dia seguinte, depois de muitas voltas, foi o despacho parar ás mãos de um assistente de Manguinhos, que lhe deu o desejado esclarecimento.

Facto analogo consta que se passou no Estado do Pará e provavelmente em outros lugares.

De uma feita, Elle quiz apresentar um discipulo ao Dr. BARBOSA ROMEU, em cujo serviço hospitalar havia um interessante caso de leucemia. Escreveu ao eminente medico uma carta muito attenciosa, cheia d'aquelle affectuoso res-

peito que Elle como ninguem sabia tribular ás pessoas idosas e aos homens de valor. O destinatario leu-a, releu-a, examinou diversas vezes a assignatura, perguntando por fim ao portador:

— Quem escreveu esta carta?

Assim, todos extranhavam que o possuidor de um nome tão glorioso preferisse para sua firma individual aquella especie de pseudonymo. Alguns intimos chegaram mesmo a lhe insinuar a conveniencia de deixar esse habito antigo, que já não tinha razão de ser, uma vez que a sociedade inteira o acclamava sob o nome que o proprio governo escolhera para dar ao seu querido Instituto.

O Mestre poderia, como o philosopho, responder que o nome é a exterioridade. Preferia, porém, encolher os hombros e continuar o seu caminho.

Mas, porque esta obstinação?

Por um motivo muito simples: desde que lhe morrera o Pae, adoptara a assignatura deste, a qual, em nenhuma hypothese, seria capaz de abandonar. E assim foi até aos derradeiros dias de existencia.

Ainda outra modalidade do culto á memoria paterna.

Morto o Dr BENTO GONÇALVES CRUZ, o filho veiu a substituí-lo nas funcções de medico da fabrica de tecidos « Corcovado ». Nem com os encargos de Director da Saúde Publica, nem no auge das campanhas sanitarias e scientificas, deixava de cumprir os deveres de facultativo dessa companhia, onde fundára uma *crèche*, talvez a primeira do Brasil, e onde Elle em pessoa, muitas vezes, fiscalisava o banho e a alimentação das creanças.

Os escribas e fanaticos, que tão levemente o anathematizavam com os epithetos de despota, tyranno, etc., deviam ter ido ver esses actos de philantropia, representados occultamente, 3

vezes por semana, pela manhã, no consultorio do dito estabelecimento fabril, onde humildes operarios adoravam o seu bemfeitor, e as creancinhas pobres encontravam o melhor dos seus amigos, o qual, por entre caricias e esmolas discretas, tambem as vaccinava com as suas proprias mãos, certo de que era este o maior beneficio que lhes podia prestar.

Mas, um dia, por solidariedade com alguem que lhe merecia fraternal amizade, deixou para sempre o seu amado cargo, a sua querida clientela, que tambem fôra antigamente de seu estremecido Pae.

Foi esse, com certeza, um dos grandes desgostos de sua vida.

Sua presença no cemiterio era constante: no minimo, duas vezes por semana, lá ia contemplar o tumulo venerado, ornamental-o com as mais lindas flores do seu jardim.

Ao partir para uma viagem, a sua ultima visita, após o abraço á sua velha Mãe, era á necropole de S. João Baptista. Ao regressar, não se sentia bem enquanto não revia o mesmo campo santo.

As vezes, quando qualquer questão séria o absorvia, era ao lado da sepultura paterna que preferia meditar e resolver os graves problemas de sua vida publica.

Que linda pagina de mysticismo não escreveria MATERLINCH si conhecesse o nosso sabio espiritualista!

### XIX—Um traço.

Durante uma viagem de OSWALDO, alguns dos seus amigos abriram uma subscrição para offerecer-lhe uma lembrança duradoura. Não faltaram donativos, que em poucos dias encheram as listas, aliás discretamente distribuidas.

Regressando, porém, mal soube do occorrido, tratou de tomar providencias



radicaes afim de que não fôsse avante a referida idéa, que era, si não nos falha a memoria, a compra de uma casa para sua residencia.

Encerrando a mencionada subscripção, que importaria em sacrificio para muitos funcionarios pobres, apurou o producto obtido e com mil cautelas e delicadezas fel-o chegar ás mãos da digna viuva de um companheiro valoroso que tombara em meio da jornada, deixando a familia em precarias condições.

### XX—O Academico.

Diversas vezes agitaram a sua candidatura á Academia Brasileira de Letras. Sempre, porém, que lhe tocavam no assumpto, repellia-o delicadamente, mas com firmeza, allegando que nunca buscára posições eminentes na sua classe, (\*) portanto, muito menos as disputaria fóra d'ella.

Sem embargo d'essa tenaz e longa resistencia, um grupo forte de «immortaes» não cessava de incital-o a pleitear uma cadeira no appetecido cenaculo.

Sua opposição, todavia, era inflexivel. Debalde lhe expunham uma serie de argumentos, cada qual mais convincente e seductor. Vinha sempre á balha o paradigma da Academia Franceza, que o cardeal de Richelieu desejava, não um centro exclusivo de letrados, mas um «salão de notabilidades», onde fulgissem alguns dos grandes vultos da França—homens de sciencia, doutores da igreja, cabos de guerra, etc.—ao lado de poetas e prosadores.

A tudo o Mestre resistia.

Mas houve quem, afinal, se mostrasse molestado com tantas negativas, che-

gando a insinuar que o sabio collocava a sua gloria muito acima da investidura academica.

Tanto bastou para que, embora contrangido, consentisse na apresentação do seu nome, conforme podem attestar diversos academicos vivos.

Quando todos os outros meios falharam, vencera um simples ataque ao seu reducto de sensibilidade e delicadeza.

Effectivamente, OSWALDO não tinha preocupações literarias. Nem mesmo consta que houvesse commettido os quasi infalliveis versos da juventude brasileira, não obstante ter sido sempre um espirito genialmente poetico.

Porque si ha uma poesia que não se traduz em palavras metrificadas; si ha trovadores que guardam apenas para si as canções que lhes tange o alaúde d'alma; si ha bardos que, vivendo em contacto com a natureza, sabem amal-a com véra paixão, em tudo que ella tem de bello, nobre e amavel, então OSWALDO foi poeta no mais alto sentido do vocabulo.

Mas era-lhe tão viva a sensibilidade, tão profundas as paixões, tão requintada a sua esthetica, tantos e tão variados os seus modos de viver, pensar e agir, que lhe seria impossivel vasar na disciplina dos metros o tumulto de sensações que o empolgavam. O livro devia ser ridiculamente pequeno para conter esse immenso mundo invisivel. E como se fazia mistér expandil-o, tornou-se um realizador de sonhos.

Foi, portanto, como poeta que luctou contra os inimigos da vida e do bello; que erigiu a sua escola, cercado-se de discipulos, como Christo, para augmentar e diffundir a centelha do seu genio.

Tambem foi nessa caracter que a Academia o consagrou, definindo-o pela voz do Sr. AFRANIO PEIXOTO.

«Vós sois como os grandes poetas que não fazem versos: nem sempre estes

(\*)—Como exemplo, podemos citar o facto de ter recusado a presidencia da Academia Nacional de Medicina, o que foi recentemente divulgado pelo eloquente discurso do Dr. E. SALLES GUERRA, no dia 5 de Agosto de 1922, no cemiterio de São João Baptista.

têm poesia e ella sobeja na vossa vida e na vossa obra ».

### XXI—Um discipulo.

Na impossibilidade de retratar espiritualmente cada um dos discipulos que mereceram a estima do Mestre, seja-nos ao menos licito apresentar em breves linhas um perfil d'aquelle que foi sempre o mais amado de todos elles e é hoje o seu digno successor no Instituto por Elle creado e no campo de lucta onde se travaram as memoraveis campanhas sanitarias que tanto engrandeceram o nome do Brasil.

Si outros motivos de consciencia não nos impuzessem o dever de personificar em CARLOS CHAGAS a herança moral e scientifica do Chefe da nossa escola, bastar-nos-ia lembrar a belleza do seu gesto cavalheiresco, fazendo reverter em proveito da estatua de OSWALDO CRUZ o premio pecuniario (50 contos de réis) que por seus estudos originalissimos soubera merecer do alto espirito de justiça do governo brasileiro.

Que os nossos condiscipulos nos perdoem a expansão de intimo reconhecimento a esse singular altruista, já que lhe coube a oportunidade—a nenhum de nós outros concedida—de n'uma quadra de immoderadas ambições materiaes privar-se de um quinhão de ouro para transformal-o no bronze do veneravel monumento.

[\*]  
\*\*

CARLOS RIBEIRO JUSTINIANO DAS CHAGAS foi sempre um espirito de notavel originalidade.

Formado, em 1903, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ahí deixou uma tradição de talento, coroadá pela sua these inaugural — « Estudos hematologicos no impaludismo » — uma das mais brilhantes publicações elaboradas nos primeiros tempos de Mangueiras. Releva notar que n'essa monogra-

phia, talvez hoje classica si fôsse escripta em lingua mais vulgarisadora do que a nossa, n'esse interessante ensaio já o auctor deixou esboçada a sua feição característica: a perfeita harmonia entre o clinico e o homem de laboratorio.

Logo após, seduzido pelos problemas de hygiene rural, dirigiu com pleno exito a primeira e celebre campanha anti-paludica levada a effeito no nosso paiz. Data d'esse epoca (1906) o opusculo — « Prophylaxia do impaludismo » — no qual se condensam idéas e factos bastante curiosos á cerca d'esse assumpto de magna importancia para tantas e tão ricas regiões do globo. N'esse artigo aventou o conceito que attribue papel preponderante aos mosquitos albergados nos domicilios, onde podem ser facilmente eliminados por processos conhecidos, tornando assim mais simples a referida prophylaxia.

Simultaneamente, teve occasião de estudar os culicideos brasileiros mórmente as anophelinas transmissoras de hematozoarios, dando a lume, em 1907, os seguintes trabalhos:

— « O novo genero *Myzorrhynchella* de Theobald—Duas novas anophelinas brasileiras pertencentes a este genero: *M. parva* e *M. nigritarsis*;

— « Novas especies de culicideos brasileiros »;

— « Uma nova especie do genero *Taeniorrhynchus* ».

Além disso, cumpre-nos assignalar que o Dr. CHAGAS é uma das maiores auctoridades mundiaes em Pathologia exotica, mercê de conscienciosos estudos de demoradas viagens pelos sertões e mattas brasileiras (Minas Geraes, S. Paulo, Amazonas, Pará). A prova de tal nomeada foi a serie de conferencias por elle realizadas em universidades norte-americanas, a convite da *Rockefeller Foundation*.

— — —  
Mas a sua personalidade dispensa

encomios. Nem sequer seria possível analysar em poucas linhas a totalidade de suas producções. Entretanto, vale a pena rememorarmos, ainda que pallida e summariamente, as condições em que elaborou a sua obra prima.

Estava o joven medico empenhado em uma das suas luctas anti-malaricas quando, no complicado meio nosologico que é o sertão norte-mineiro, teve conhecimento de um insecto extraordinariamente hematophago — «*Triatoma megistus*» — (\*) vulgarmente chamado «barbeiro» ou «chupão», que se acoita nas toscas habitações campestres, occultando-se em pequenas frestas e outros esconderijos, de onde sahem á noite cautamente para sugar o sangue do homem, sua victima predilecta.

CHAGAS, n'um relance, teve a antevisão exacta de tudo que o facto podia comportar; e para logo estudou o mencionado hemiptero, desvendou-lhe os habitos mysteriosos, encontrando-lhe, por fim, no interior do aparelho digestivo um protozoario interessantissimo, sob a fórma de *crithidia*.

Ora, quem como elle se affizera á observação das doenças tropicaes, chegando á intuição de considerar o mosquito caseiro como o transmissor principal dos plasmodios de Laveran, não devia hesitar deante do precioso achado. D'ahi a certeza com que concebeu e executou todo o programma do seu trabalho, que na opinião de OSWALDO CRUZ, constitue o mais bello exemplo do poder da logica a serviço da sciencia.

Já agora, dir-se-ia, nada mais facil que rematar o raciocinio clarividente, buscando na economia humana o fecho do cyclo pathologico que o sabio com tanto brilho prefigurára.

(\*)—Outras especies do mesmo genero teem identicas propriedades.

Mero engano. O cientista teve de medir-se com um adversario subtil, uma especie de phantasma infinitamente pequeno que investe subrepticamente contra a sua victima, abandonando prèsto a torrente circulatoria para ir engastar-se na intimidade recondita dos tecidos. Trouvou-se então uma peleja porfiada entre o microbiologista e o microbio, da qual sahiu vencedora a fé scientifica, a razão antevidente do biologo. E o estudo completo do «*Trypanosoma cruzi*» (nome dado em honra ao Mestre) é um attestado do valor de CHAGAS como protistologista, que teve a ventura de receber um *veredictum* irrevogavel, laurel maximo a que poderia aspirar: o «Premio SCHAUDIN», outorgado por juizes que se chamam ROUX, LAVERAN, PROWAZECK, KITASATO, OSWALDO CRUZ e outros profissionaes de renome universal.

No pastoriano, porém, vibrava ao mesmo tempo uma admiravel arganização de clinico, que logrou apprehender toda a vastidão da sua descoberta.

Sem duvida, a tarefa se affigurava demasiadamente grande para qualquer outro obreiro; mas a envergadura deste era tal que de suas proprias forças havia de surgir á luz esse bloco inteiriço, sem jaça: a nova entidade morbida, actualmente consagrada por orgãos de auctoridade irrecusavel como, entre outros, C. MENSE, que confiou ao nosso patricio a redacção do respectivo capitulo no seu celebre tratado.

Nem se diga que a physionomia clinica d'essa doença é relativamente simples como a da «molestia do somno», sua congenerere. Ao contrario, no mal de CHAGAS a variedade de aspectos morbidos, devida ás differentes localizações do germe, dá-lhe um cunho de polymorphismo talvez só comparavel ao da syphilis.

De facto, vencida a phase aguda, sempre fugaz e quasi sempre desprestida, o trypanosoma deixa a corren-

te sanguinea e vae embutir-se nos tecidos, onde soffre modificações profundas para adaptar-se á vida de histoparasita, sua verdadeira funcção no hospedeiro vertebrado. Ahi começa por perder o flagello, immobilizando-se á maneira das *leishmanias*; depois enkysta-se; multiplica-se; e jamais abandona a sua presa, quer seja esta o myocardio, o encephalo, as glandulas de secreção interna, etc. D'onde as modalidades clinicas, porque se manifesta esse *morbis* multifario: a forma cardiaca, a nervosa, a pseudo-myxedematosa, as syndromes, etc. Quasi um tratado de pathologia!

Não obstante, CHAGAS conseguiu lavral-o com mãos de mestre, conferindo-lhe a singeleza das verdades eternas. E ao passo que, para o conhecimento talvez ainda incompleto da trypanosomiase africana, se fez mister uma phalange de profissionaes da estatura de CASTELLANI, R. KOCH e outros tantos sabios e commissões de varias nacionalidades—francezes, inglezes, allemães, italianos, portuguezes—ao passo que até hoje a sciencia cosmopolita ainda se congrega para esclarecer parcelladamente, especializadamente, a molestia do somno, enquanto isso, CHAGAS, isolado n'um recanto inhospito, sem o minimo conforto, a perto de 200 leguas do litoral sul-americano, ergue de uma só arrancada esse complexo e perenne monumento de saber.

-----

Não é só isso.

Não se restringe ao campo da medicina o alcance da sua obra sem par. Ha em toda ella um aspecto social que requer uma pequena menção.

É que essa doença maldita, desde tempos immemoriaes, acampou em consideraveis zonas do Novo mundo, assolando diversos estados do nosso paiz, das republicas do Equador, do Perú, da America Central e provavelmente da Ar-

gentina e do Uruguay, ameaçando o futuro d'essas nações jovens e opulentas, que precisamente agora offerecem o maximo de possibilidades e attractivos aos povos europeus empobrecidos pela guerra.

Será possivel que se não veja no esforço do scientista brasileiro um interesse rigorosamente internacional, além de humanitario?

Não é só isso.

Deante de phenomenos tão requintadamente scientificos, CHAGAS poderia extasiar-se á imitação d'aquelle philosopho que considerava as molestias como « *les formes necessaires de la vie* », as quaes escondem « *sous un desordre apparent, des harmonies profondes* ».

Mas CHAGAS tem sentimentos. Nunca pode habituar-se contemplação d'esses miopragicos, papudos, aparvalhados, miseraveis, vencidos, que arrastam uma existencia digna de dó, á espera sómente da morte unica salvação possivel para esse estado de marasmo colectivo em que languesce a immensa legião de parias, que vegetam á margem da civilização, abandonados por aquelles que se dizem seus semelhantes, seus irmãos.

Pois foi CHAGAS quem revelou no seculo XX esse quadro horripilante; foi elle quem estabeleceu as bases para a preservação dos ainda não acommettidos, entremostrando tambem aos pobres invalidos um raio bemfazejo de esperanza. Fel-o, porém, com a sua alma compassiva, vivendo longo tempo a mesma vida d'esses desherdados da sorte, identificando-se com elles pelo coração, diminuindo-lhes os soffrimentos, amparando-os material e moralmente, fazendo de missionario antigo.

Por conseguinte, si é possivel entrelaçar n'uma só pagina um alto feito scientifico e uma obra resplandecente de piedade humana, ninguem entre os vivos o fez como CARLOS CHAGAS, que bem

merece a sympathia, a admiração, os applausos de todos os homens justos.

#### XXII—Isso é tão raro.

Quando em 1902 o incipiente Instituto soffreu a primeira crise moral e administrativa, em virtude da qual o Mestre abandonou altivamente o seu cargo, houve um pobre servente, lavador de vidros, que correu ao altar da Virgem e lá depoz um cirio acceso, até que se operasse o milagre de tornar a Manguinhos o querido chefe demissionario.

— Eu tenho fé, dizia elle com os olhos marejados de lagrimas, eu tenho fé que o nosso patrão ha de voltar. Elle é tão bom...

— E o velho MUNIZ não teve socego enquanto não viu de novo em seu posto.

Voltou, felizmente: mas voltou ainda mais dignificado e forte.

Depois, ao saber d'aquella promessa fervorosa, OSWALDO, em cuja alma o sentimento de gratidão pairava tão alto, ficou de tal modo commovido que nunca mais esqueceu o humilde servidor, de quem se fez amigo dedicado.

Por isso, o velho MUNIZ, octogenario e curvo, era ainda a pouco umas das tradições vivas da casa, sempre firme nas suas obscuras funcções, cercado sempre da amizade respeitosa de todos. E como elle era pauperrimo e tinha uma familia honrada e numerosa, a administração de Manguinhos vem ha muito acolhendo os filhos, os netos e provavelmente fará o mesmo aos bisnetos do digno servente.

\*  
\*\*

Assim que o novo predio ficou em condições de funcionar, embora parcialmente, o Director fez a distribuição dos laboratorios, salas e dependencias por todo o pessoal technico, administrativo e subalterno, cabendo ao antigo lava-

dor de vidros um lugar ao lado do seu filho mais velho, homem já maduro, habil preparador de meios de cultura. Este, porém, contra a expectativa geral, resmungou contra tal designação, allegando que não lhe convinha a companhia do Pae.

O caso foi levado ao conhecimento do Mestre que, extranhando o procedimento de quem sempre fôra bom filho, não pode deixar de interpellal-o. O ANTONIO, porém, muito vexado e constrangido, explicou-se:

— Porque não posso fumar á vista de meu Pae.

A physionomia até então fechada do Chefe desfez-se n'um sorriso de felicidade. Acto continuo, deu todas as providencias para que fôsse attendido o desejo do filho respeitoso.

E muito tempo depois, narrando o facto a um dos seus discipulos, enquanto o seu automovel perlongava as calçadas da Avenida, repletas de irreverentes casquilhos de todas as idades, Elle concluia pensativo, talvez com uma sombra de tristeza:

— Isso hoje é tão raro...

#### XXIII—Patriotismo.

— « Cada vez que venho da Europa, mais me convenço das qualidades extraordinarias dos brasileiros ».

E justificava o conceito, affirmando que a medida intellectual dos nossos patricios é maior que a de qualquer outro povo. Que ninguem com mais facilidade de assimilação do que nós. O que nos tem faltado de um modo lamentavel é o ensino, mas o ensino farto e bom, para acabar de vez com essa outra escravidão que nos opprime. Em summa, apologista da instrucção primaria obrigatoria, anhelava pelo advento da futura lei aurea que hade um dia libertar das masmorras da ignorancia os ultimos captivos do Brasil.

No tocante ao ensino superior, exemplificava:

— Conhecem medicos, engenheiros, advogados, emfim, profissionaes mais habeis do que os nossos? Que nos falta para attingirmos ao mesmo grau de adiantamento de certos paizes? Sómente meios de estudo, laboratorios, installações adequadas, orientação pratica, regularidade e rigor nos cursos e nos exames.

Entretanto, o seu orgulho patriotico não ia ao ponto de negar valor ás outras gentes. Ao contrario, recorria, sempre que era preciso, aos mestres estrangeiros, que trouxeram ao Instituto as luzes de seu saber. Ahi estão os exemplos de PROWAZECK, HARTMAN, GIENSA (e posteriormente, já sob a direcção do Dr. C. CHAGAS, o Dr. B. CROWELL). Aqui, graças á orientação, ao criterio, ao lato descortino e, sobretudo, ao patriotismo do Mestre, esses professores fizeram escolas, elaboraram trabalhos de alta monta em collaboração com seus jovens alumnos, alguns dos quaes tão grandes como elles.

Mas, ai dos sabichões de sciencia infusa, sob a custodia de sete chaves; ai dos presumidos super—homens idolatras da mythica superioridade das raças; ai dos que ousassem duvidar da capacidade do Brasileiro! Para esses tinha, como soube ter em certa occasião, a serena energia, o opportuno castigo moral, a repressão fina e justa que valia por uma vergastada nas faces.

OSWALDO conhecia todos os Estados do Brasil, menos o de Goyaz. De volta das suas excursões trazia sempre muitas lembranças photographicas que constituem uma collecção copiosa e interessante, a qual, em casa, aos domingos, Elle revia no seu verascopeio.

No antigo salão da directoria do Instituto—actualmente « Museu de recordações de OSWALDO CRUZ »—encontra-se por toda parte uma serie de cousas que dizem respeito ao nosso paiz: mapas muraes, livros de viagens, monogra-

phias diversas, em synthese, o esboço de uma excellente bibliotheca brasileira, que era seu intento completar.

Na sua residencia, a mesma cousa e mais uma porção de objectos brasileiros, inclusive arcos e flexas de indios e até esqueletos de animaes curiosos da nossa fauna maritima. Na meza de estudos estava, até ha pouco tempo, um grosso caderno em que ia annotando a contribuição para o futuro dictionario de brasileirismos, organizado pela Academia de Letras.

Admirava os nobres vultos do passado, conhecendo bem os principaes episodios da nossa Historia, nomeadamente os da guerra do Paraguay, alguns dos quaes, ouvidos de seu Pae.

Assim, em OSWALDO, o patriotismo se revestia do aspecto de outra religião.

Por mais grave que fôsse a crise economica, financeira e politica; pessimismos que fossem os governantes do momento, jamais deixou de crer firmemente nos destinos da Patria.

Sempre calado e observador, muitas vezes as discussões se travavam animadas, cerca de si, a proposito de mil questões. De regra, limitava-se a ouvir; não raro, sorria; mas si alguém erguesse a voz contra o paiz, apostrophando-o com um d'esses anathemas tão proprios dos mocinhos pessimistas, ingenuamente *blasés*, então Elle emergia do habitual silencio para defender a sua terra. E ante os olhos dos scepticos desdobrava o formoso painel em que a sua alma sonhadora antevia o grande Brasil de amanhã.

#### XXIV—Na intimidade espiritual.

OSWALDO teve a seu favor dous elementos que encerram a força de duas grandes leis biologicas: a hereditariedade e a influencia do meio.

Em virtude da primeira, Elle houve dos seus genitores um embryão espiritual tão puro e elevado quanto é possi-

vel n'esta humanidade imperfeitissima. Graças, á segunda, coube-lhe a ventura de encontrar um educador predestinado.

Qual dos dous factores lhe teria sido mais propicio á formação do espirito?

Para os adptos das doutrinas de TH. RIBOT, estaria tudo explicado como um caso classico de *herança directa e immediata, com predominancia paterna*. Além d'isso, sabendo-se que os Paes do Mestre eram primos-germanos, com pronunciada homogeneidade de sentimentos e intelligencia, nada mais seria preciso para que se interpretasse o presente caso como um d'aquelles raros em que a consanguinidade constitue um factor de aperfeiçoamento mental, realisando, portanto, um dos anhelos dos idealistas e confirmando mais uma vez a *crystallina* verdade que DARWIN resumia na concisão de uma sentença: « a hereditariedade é a lei ».

No caso em questão, bastaria um rapido confronto para verificarmos tambem a semelhança *physica* entre Pae e Filho aos quarenta annos: a mesma estatura, o mesmo *embonpoint*, a mesma pallidez, a mesma abundancia e implantação dos cabellos precocemente encanecidos, os mesmos traços *physionomicos*, largos, *sympathicos* e expressivos, e até a mesma arterio-esclerose que os victimou—o primeiro aos 47, o segundo aos 44 annos de idade—comprovando assim a lei da herança *homóχρονα* de HAECKEL. No tocante ao caracter, não era menor a analogia, pois, de facto, o Dr. BENTO GONÇALVES CRUZ foi um espirito de eleição que passou despercebido no seu tempo e no seu meio, por muitos e differentes motivos, entre os quaes a formidavel *lucta* pela vida que desde cêdo tivera de sustentar.

Mas si quizessemos considerar o nosso caso como de « herança cruzada », tal como, entre outros, o de METCHNIKOFF, que attribuia seus dotes *espirituaes* ao lado materno, não heveria n'is-

so difficuldades, visto que D. AMALIA DE BULHÕES CRUZ era uma senhora de valor intellectual e moral, para quem nunca houve o peso da velhice, porque sabia deparar nos bons livros, principalmente nos francezes, o melhor lenitivo para os seus males corporaes e para as suas infindas saudades.

Entretanto, si fossemos confiar unicamente á fatalidade da herança a sorte da humanidade, chegaríamos ao extremo quasi criminoso de TH. RIBOT, a quem não repugnara esboçar um vago desdem pela educação, cuja orbita de *efficiencia*, para elle, não iria além dos limites da mediocridade.

Em que pese á admiração que votamos ao brilhante *psychologo*, parece-nos que devia merecer energico protesto dos pedagogos esse libello tão injusto quão irreverente contra uma das mais caras esperanças dos *philantropos*, contra o mais perfeito dos instrumentos de *civilização*, ao qual, por bem dizer, está entregue o futuro da especie humana, conforme affirmaram pensadores da altura de KANT, LEIBNITZ, SPENCER e outros.

Por consequencia, sem negar á hereditariedade o relevante papel representado na formação *psychica* de OSWALDO CRUZ, antes enaltecendo-o, pensamos, posto que debaixo das reservas e restricções devidas á nossa lamentavel *incompetencia*, pensamos que, além da referida lei, mais alguma cousa houve que concorreu para aprimorar desde o nascedouro esse já tão bello espirito. Verdade é que o elemento a que queremos nos referir é ainda o proprio casal que lhe deu o ser. Acreditamos, todavia, que, outros fossem os educadores, comtanto que a educação fôsse a mesma, o resultado não seria diverso, porque a ninguem é licito recusar a essa arma poderosissima a força victoriosa que ella contém.

A prova d'isso está nos innumerous

exemplos que cada um conhece e dos quaes a sociedade está cheia: bons corrompidos pelos maus; maus ennobrecidos pelos bons.

A prova d'isso está na influencia que os grandes espiritos exercem sobre a sua *róda*, a ponto de refazer a entrosagem intellectual dos tacanhos, que no fim de algum tempo, á custa de uma gymnastica cerebral lenta e gradativa, conseguem ás vezes acompanhar o vôo altaneiro dos seus guias, copiando e adquirindo muitas e valiosas faculdades.

A prova d'isso está n'uma especie de contagio espiritual, n'essa influencia nefasta que alguns cerebros rudes teem sobre moços intelligentes, mas dotados de pouca energia, os quaes se deixam atrophiar mentalmente, tornando-se ás vezes tão apoucados quanto os seus mentores, justificando assim um faceto proloquio: *burrice péga*.

A prova d'isso, finalmente, está na propria pessoa do Mestre, cuja irradiação intellectual e moral era um facto incontestavel e é o mais bello exemplo da these que modesta e sinceramente procuramos defender.

\*\*

OSWALDO foi o que commumente se chama um menino de bôa indole; mas isso talvez não bastasse para tornal-o um homem tão prodigamente dotado para as victorias da vida. O facto é que, sem embargo da sua natural meiguice, não deixou de manifestar algumas das más tendencias proprias das creanças.

Elle mesmo contava, na intimidade, que, viajando uma vez n'um bonde, aproveitou a distracção de uma pobre mulher para picar-lhe á tesourinha um bom pedaço do vestido novo. Horas depois, apresentava-se a victima em casa do Dr. BENTO CRUZ, narrando-lhe tudo, entre chorosa e indignada. Este ouvi-a com toda attenção, prometendo-lhe uma providencia satisfactoria. Regressando á ca-

sa, ia á velhota imaginando a tremenda sóva que o fedelho devia apanhar, quando foi surprehendida pela chegada do mesmo ao casebre onde ella morava, pedindo o favor de lhe confiar o facto para que sua Mãe o concertasse. Feitos os reparos com toda a pericia, tornou o menino a choupana para restituir a roupa á proprietaria e ao mesmo tempo apresentar-lhe desculpas, acrescentando que não lhe trazia outro vestuario novo porque seu Pae, no momento, não podia arcar com tal despeza.

Este e outros episodios, alguns dos quaes já relatados, revelam o nivel de perfeição do methodo educativo que o bondoso clinico instituiu em seu lar.

Já vimos que esse methodo consistiu em conquistar a amizade confiante do filho insinuando-lhe persuasivamente todas as noções tendentes ao aperfeiçoamento do character e da intelligencia, sem abusar da auctoridade paterna que, quando muito, se limitava a um pequeno codigo penal, cujo gráu maximo não ia além da suppressão dos carinhos, segundo os preceitos spencerianos, que o magistral educador pratico adoptava intuitivamente. Depois, com admiravel prenoção dos principios psicologicos que regem a moderna pedagogia, incutir-lhe diversos habitos uteis, como o da hora certa dos trabalhos, das recreações, etc., o estudo methodico, em summa, estabelecendo uma incomparavel disciplina moral e intellectual, culminada pela eradicação dos vicios e maus instinctos.

Dir-se-ia que ainda ahi elle levava á pratica os excellentes conselhos de WILLIAM JAMES, quando este diz que « em educação o grande problema é fazer do systema nervoso um alliado, e não um inimigo, é capitalizar as acquisições e viver folgadamente com os jurros. Para isto devemos tornar automaticos e habituaes, tanto quanto pudermos o maior numero possivel de acções uteis e fugir com grande cuidado a tudo que puder engendrar habitos nocivos ».



Foi por estas e outras razões que OSWALDO veio a ser um individuo sem par no seu meio e na sua epoca.

D'entre as qualidades que se lhe accentuaram sob esse regime espirital, devemos destacar o *methodo*. Sem essa virtude—que deve ser uma modalidade da paciencia e portanto comparavel ao genio, si merece fé o conceito de Buffon—sem isso, não lograria Elle multiplicar quasi indefinidamente os esforços precisos para attingir aos seus ideaes.

Nas mais pequeninas cousas o Mestre denotava esse predicado.

Depois do jantar, emquanto em volta á meza as pessôas da familia conversavam, falando as crianças com a natural tagarelice, OSWALDO ia catalogando e archivando documentos, cartas, telegramas, etc., que lhe pejavam diariamente a pasta, de modo que em qualquer emergencia tinha sempre á mão um papel valioso, sem o auxilio de ninguém, pois nunca teve secretario particular senão nos ultimos tempos, em que sua primogenita, por espontanea vontade, se impoz a si mesma o dever de lhe prestar alguns serviços.

Na organização do Instituto, o mesmo methodo tambem figurou avultadamente. Desde as installações materiaes ate á divisão do trabalho intellectual, tudo demonstra que ahi está um modelo de methodo e tambem de previdencia, virtude esta que goza dos fóros de superioridade mental.

Para citar um exemplo, temos esse das sessões semanaes dos resumos.

Convencido de que é difficillimo (para não dizer quasi impossivel) a um só homem ler e guardar tudo quanto se escreve nas varias centenas de jornaes scientificos do mundo civilizado, Elle estabeleceu a seguinte regra: o Director distribue de accordo com o pendor de cada um os artigos mais interessantes das revistas que Manguinhos recebe; esses trabalhos são resumidos pelos res-

pectivos encarregados, que para isso se reúnem todas as quartas feiras, sob a presidencia do dito chefe. Conseguiu assim realizar um ideal de communismo scientifico, pois é esse o caso de «um por todos e todos por um». Mas não é só isso. Terminadas as sessões, começa o serviço de classificação das fichas, pelo mesmo leitor, sendo adoptado o processo decimal do Instituto Bibliografico de Bruxellas—o mais intelligente e completo, no genero. Depois o bibliothecario toma cada ficha de per si e a reproduz tantas vezes quantas forem indicadas pelo respectivo classificador, isto é, conforme o desdobramento de assumptos que a mesma comporta.

N'essas condições, o nosso Instituto tem uma enorme e preciosa collecção classificada de artigos que versam a biologia com todas as suas especialidades, as sciencias physico-chimicas, etc., já não falando na catalogação das suas obras, a qual obedece ao mesmo criterio.

OSWALDO não lia sem um lapis na mão. Annotava tudo que lhe parecia importante. E em certos livros classicos, que demandavam maior esforço de attenção, raciocinio e memoria, ahi é que o seu methodo era infallivel.

De uma feita, um dos seus discipulos, então em plena juventude, leu uma dessas obras exhaustivas (supponamos que sobre immunidad). Passados poucos mezes, o joven entrou a conversar com o Mestre sobre o assumpto, e qual não foi o seu espanto quando verificou que no seu espirito mais novo, após uma leitura muito mais recente, ficara um sedimento mais pobre do que o que rebrilhava na mente de OSWALDO. Desapontado e ao mesmo tempo curioso, o moço, manifestou desejo de saber o segredo d'aquelle paradoxo, uma vez que não fôra por falta de comprehensão que deixara de reter os referidos conhe-

cimentos. O Mestre com aquella attitude encantadoramente simples e bôa que os seus amigos jámais olvidarão, caminhou para a estante, tirou precisamente o volume desejado e, saccando de dentro da capa um caderninho, mostrou ao inexperienced o resumo de toda a obra, por Elle feito havia bastante tempo.

N'esse episodio aparentemente insignificante se nota que OSWALDO— sempre com a mesma intuição clarividente que é privilegio dos espiritos superiores—punha em pratica, a um só tempo, os dous reputados methods preconizados para o aperfeiçoamento da memoria: o *racional*, que «organisa, systematisa, classifica e analysa tudo, de accordo com a logica», e o *mechanico*, que consiste em «intensificar, prolongar e repetir a impressão a reter». Não consta, entretanto, que se utilisasse dos methods *artificiaes* ou *memotechnicos*, mesmo porque a sua retentiva era assombrosa para factos, doutrinas e experiencias, embora restricta para os numeros.

Em meio ás suas emprezas herculeas, implacavelmente alvejado por uma opposição solerte e multifaria, sabia o nome de todos os medicos (eram mais de 100) dos numerosos estudantes—auxiliares e de muitos funcionarios subalternos que trabalhavam sob as suas ordens. Não só conhecia a natureza e o valor do serviço de todos, como tambem formava um juizo exacto á respeito de cada um. Para tudo isso, muito raramente tomava uma nota, bastando-lhe conferenciar uma vez por semana com os sub-chefes e fazer, de quando em quando, uma das suas inopinadas inspecções.

Na direcção do seu Instituto, não menos apreciavel era a applicação d'esse precioso dom. Mesmo em assumptos que não o seduziram ou preocupavam, quem quer que o consultasse obteria uma indicação util; e o que tornava ainda mais proveitosa a consulta era a

synthese com que geralmente rematava a sua palestra cordial.

Seria ocioso ennumerarmos a serie de exemplos em que revelava essa estupenda faculdade tão malsinada pelos que não sabem ou não podem allial-a ao raciocinio. Felizmente, ja se lhe vae fazendo justiça, havendo até quem a reconheça como attributo primacial dos homens celebres. Ainda agora nos vêm á mente as palavras de um insigne pensador, as quaes parecem ter sido meditadas para explicar, pelo menos em parte, a vida triumphal de que nos vamos occupando: «*sans une memoire physiologique extraordinaire, on peut encore pretendre à devenir un specialiste; mais il faut renoncer au rôle et à l'influence des grands encyclopedistes et des tant puissants manieurs d'hommes*».

— — —

Como si não bastassem tamanhas prendas intellectuaes, ainda lhe sobravam muitas outras não menos primorosas.

O poder de observação era uma d'estas.

OSWALDO era um observador impenitente. Embora não o quizesse havia de observar insensivelmente tudo quanto lhe passasse ao alcance dos sentidos, que os tinha todos apuradissimos. Pode-se dizer sem receio de erro qu o seu cerebro funcionava constantemente como um possante machnismo de observar e raciocinar, parando sómente durante as horas do somno.

Nada lhe escepava á observação: desde os phenomenos altamente scientificos até as cousas aparentemente insignificantes. N'um passeio, n'uma visita e até nas horas que deviam ser de repouso mental, os seus meios de percepção estavam sempre a trabalhar. E em tudo a observação se fazia acompanhar de uma analyse profunda, confirmando

assim o pensamento de ALEX BAIN, que considera o talento analytico como um dom natural, peculiar ao observador e que indica um espirito scientifico.

Mas o que lhe dava ainda maior cunho scientifico ao espirito eram os seus dotes de experimentador, desde muito cedo revelados.

Recem-chegado a Paris, conseguira um modesto lugar de aprendiz no Laboratorio de Toxicologia, onde parece que, a principio, não lhe dispensavam muita hospitalidade, como acontece mais ou menos de regra em taes casos. Emfim, sempre lhe ensinavam alguma cousa quasi sempre banalidades por Elle acatadas aparentemente como si fossem lições magistraes. No emtanto, um bello dia, ou porque lhe desejassem pregar uma *peça*, ou porque já havia conquistado a confiança dos technicos, o facto é que lhe apresentaram um serio problema a resolver: o cadaver de um individuo accidentalmente intoxicado n'um quarto de dormir. Tratava-se de saber si o envenenamento fôra produzido pelo gaz de illuminação ou pelo de carvão vegetal usado para aquecimento domiciliario. Na primeira hypothese, os herdeiros teriam direito a uma indemnisação; na segunda, nada haveria a reclamar. Só o exame pericial poderia orientar a justiça.

OSWALDO dedicou-se ao problema de corpo e alma, estudando-o sob todos os aspectos. Chegando, porém, a conclusões negativas, emprehendeu resolvê-la á luz de sua intelligencia: primeiramente, fez diversos ensaios *in vitro*, e depois submetteu differentes animaes, especialmente coelhos, á intoxicação por um e outro gaz, analysando-lhesmeticulosamente o sangue, chegando, emfim, a estabelecer padrões definitivos não só para esses como para outros casos.

Assim, um joven de vinte e poucos annos adopta com uma clarividencia admiravel, o rigor e a logica do methodo

experimental, que lhe vem a dar a chave de um enigma scientifico. Valeu-lhe isso a admiração de seus mestres (VIBERT e OGIER, entre outros) e de eminentes medicos legistas de varias nacionalidades, dos quaes recebeu demonstrações de significativo apreço, taes como um convite para ir á Allemanha travar relações pessoaes com um dos magnatas da especialidade. E annos depois, já no Brasil, ainda lhe chegava ás mãos, com expressiva dedicatória, a obra de um auctor russo em que apenas se percebia o nome do nosso patricio, frequentemente citado por entre as rebarbativas expressões da lingua de TOLSTOI.

Esse episodio é uma especie de miniatura intellectual do homem. Ahi se acha confirmado o conceito de A. BAIN, uma das grandes auctoridades da *scientia scientiarum*, quando este diz que « nada se deve affirmar sem a garantia da experiencia ». Ahi se pode acompanhar o desdobramento logico de um espirito, desde a analyse rigorosa, o raciocinio irrefragavel, até a volição decidida do cientista capaz de enfeixar na clareza de uma synthese perfeita as conclusões indestructiveis que a sagacidade do experimentador soube desentranhar de um assumpto até então trevoso. (\*)

Outra faculdade muito apreciavel era a attenção.

Ninguem ignora que é esse um dos esforços intellectuaes mais fatigantes. Citam-se como dignos de nota e apontam-se como peculiares ás poderosas cerebrações alguns exemplos de individuos com capacidade para se concentrarem n'um só assumpto, por muito tempo, ininterruptamente. O proprio AUGUSTO COMTE refere que, após 24 ho-

(\*)—*Études sur la recherche des l'empoisonnement par le gaz d'eclairage*—Annales d'Hygiène publique et Medicine legale-1898.

ras de meditação continua, concebeu «a systematização total da philosophia positiva».

Pois quem quer que tenha convivido com OSWALDO sabe de quanto era capaz a sua atenção.

N'uma celebre reunião de delegados de saúde, prolongada até ao raiar do dia, fôra Elle o mais resistente, não perdendo um só dos pontos capitaes do regulamento sanitario (o famigerado *codigo de torturas*) que então se discutiu e se ultimou.

Nas primeiras sessões de resumos de revistas, quando ainda o pessoal não tinha a pratica de condensar em poucas palavras o resultado das suas leituras, os relatorios arrastavam-se lentamente até tarde da noite, ás vezes até ás 4 horas da madrugada (tendo começado ás 8 da noite) com indizível sacrificio por parte dos moços, que só á custa de muito café mal se mantinham acordados, mas quasi todos desattentos. Entretanto, no Mestre o gráu de attenção permanecia o mesmo, sendo por isso o unico a quem não escapava nenhum dos artigos resumidos, nem mesmo quando o assumpto e o relator se caracterissem por uma inaturavel displi-cencia.

Por conseguinte, si devemos acompanhar o eminente psychologo cuja obra nos tem orientado n'esta imperfeita dissecção espiritual; si attribuirmos á attenção um papel preponderante nos actos volitivos, temos que essa invejavel faculdade, em OSWALDO, representava um dos pontos de apoio de sua vontade forte, que é a virtude por excellencia dos grandes caracteres, dos vencedores da vida.

Effectivamente, o Mestre parece haver nascido para mandar e commandar. Tivesse vindo ao mundo n'aquelles tempos heroicos, em que a vida se limitava a preocupações guerreiras, teria sido general e dos mais celebres nos fastos

da historia. Como, porém, lhe pulsava um coração feito de nobres e generosos sentimentos, ao surgir na Patria armado cavalleiro do bem, declarou guerra de morte á Morte, subjugando-a e vencendo-a em combates singulares, adextrando os lidadores que deviam succedello na arena das luctas, tornando-se, emfim, o maior bemfeitor do Brasil, no sentido realmente philantropico do vocabulo.

E si ha um fluido mysterioso que promana da vontade dos fortes e se communica a todos os que o cercam, sem duvida Elle o teve no mais alto gráu, distinguindo-se dos seus semelhantes por esse condão talvez inexplicavel que se chama força moral, prestigio etc.

Sem o amparo de nenhuma corrente partidaria, sem o dom da palavra improvisada, sem a catadura ameaçadora dos farrabrazes, sem a petulancia dos mandões, aquelle homem esquivo, sobrio, delicado, era um poder entre os poderes da nação. Sentado á sua meza de trabalho, cabisbaixo, ora com o lapis a garatujar bonecos, ora com os dedos a espalhar em forma de leque os fios do bigode, exercia uma auctoridade superior á de muitos ministros e potentados, ante a qual se curvavam graudos funcionarios protegidos, politicos poderosos, *et caterva*.

O Senador PINHEIRO MACHADO, sempre tão cioso da sua magestade republicana, ao ouvir uma vez a lengalenga de um correligionario que se julgava offendido por uma das negativas moralizadoras do Mestre e contra este reclamava represalias e picuinhas por parte do Congresso Nacional, o temeroso general gauchó teve uma phrase bastante significativa:

— N'essas questões do OSWALDO eu não me metto.

Assim, vivia Elle intransigente onde tudo são injuncções e transigencias. Por isso mesmo o respeitavam como um

ente excepcional e intangível. Seus inimigos, na maioria, o eram por traz das cortinas: em sua presença, todos mellifluos e cheios de zumbaias; pelas costas, heroes da maledicencia e da hypocrisia.

Como complemento da força de vontade ha ainda a assignalar o poder de inibição, essa virtude tão cara aos britannicos e tão apreciavel na alma latina do marechal JOFFRE.

Entre os attributos espirituaes do Mestre, o dominio de si mesmo não era dos maiores.

Citemos apenas um facto que pudemos observar com nitidez.

No Maranhão, quando se despedia do mundo official, dos collegas e admiradores que foram leval-o a bordo, entregaram-lhe á ultima hora um telegramma urgente em que se narrava com côres pessimistas o incendio do almoxarifado da Prophylaxia da Febre amarella, a dependencia mais importante da repartição sanitaria do paiz. Terminada a leitura, guardou o despacho e, voltando-se para o governador do Estado e outros circumstantes, retomou o fio da palestra como si nada houvesse occorrido.

E d'esse modo todas as formidaveis tormentas da sua vida eram dominadas por um forte aparelho contensor. As hediondas cartas anonymas, em tal numero que já não sabia como occultar aos olhos apprehensivos da familia; as reiteradas ameaças de morte, com que em nome do « amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim », procuravam acovardal-o alguns arautos da revolta contra a lei da vaccina obrigatoria; em summa, todas as luctas mo-raes em que se achou envolvido para a defeza dos seus objectivos humanitarios e patrioticos, tudo isso raramente passava além da orbita da sua consciencia.

Haveria ainda muito a estudar n'esse riquissimo escritorio. Mas faltam-nos tempo e competencia. Competencia, sobretudo, porque já não é pequena a ousadia do leigo que, embora a medo, intenta analysar uma das mais opulentas organizações mentaes que ainda perlustrou o scenario da vida publica no Brasil.

Vamos, portanto, terminar este ligeiro ensaio psychologico. Não o faremos, comtudo, sem uma rapida menção ao predicado mais bello, mais nobre, mais alto de todos aquelles que exornavam a alma do Mestre.

Referimo-nos ao ideal, centelha divina que eleva alguns homens acima do nivel commum da humanidade. Porque foi esse raio de luz eterna que lhe illuminou a róta gloriosa por onde o seu espirito de eleito passou luctando e vencendo.

#### XXV—Um sonho não realizado.

Era amicissimo das crianças. Como Christo, amava todos os pequeninos, quer fossem bellos, feios, pobres, ricos, ou doentes. Ninguem como Elle sabia entreter um recém-nascido ou conversar com os pirralhos de 3 annos para cima, contando-lhes historia, que as sabia adequadas á idade de cada um.

Paraphraseando aquelle celebre misanthropo, que quanto mais conhecia o homem mais gostava dos cães, Elle poderia dizer que quanto mais desvendava a alma humana mais adorava as crianças.

Agora imagine-se que thezouros de affectos lhe transbordavam do coração paterno...

Foi, portanto, com especial contentamento que uma vez em Bello Horizonte, recebeu um convite para visitar uma casa de instrucção primaria.

Levaram-n'o a um dos grupos escolares mais frequentados d'aquella epoca. Percorreu-o, examinando tudo attentamente. Deteve-se os momentos da pragmatica em cada classe; ouviu com alegria os canticos infantis; mas não se mostrou satisfeito com as formalidades do protocollo mais ou menos adoptado em taes casos. Quiz assistir a uma aula que Elle mesmo indicou: do 1º anno. Sentou-se ao lado da professora e deixou-se ficar em silencio todo o tempo, vendo e ouvindo com religiosa attenção.

Quem o deparasse em tal attitude poderia dizer que o sabio se havia transportado espiritualmente para uma grande capital européa onde se deliciava com uma conferencia de desusado valor scientifico.

No emtanto, era uma das primeiras lições do chamado «methodo da palavração», que se ia iniciando cheio de preconicios nos nossos centros didacticos. OSWALDO procurou informar-se a respeito d'esses assumptos, Elle que vinha ainda da soletração, ou quando muito, da syllabação. Finalmente, dirigiu palavras de agradecimento e parabens á professora, affirmando que nunca lhe fôra dado observar nada mais edificante do que aquella sessão de esculpura intellectual, em que a mestra, qual artista incomparavel, ia transformando e embellecendo, a um só tempo, algumas dezenas de almas embryonarias.

E ao tornar á casa, n'um passeio pelo parque municipal, ora pensativo, ora a indagar da percentagem de analphabetos, ora a aventar outras questões concernentes ao magno problema nacional, infelizmente ainda não resolvido, o grande politico (na exacta e nobre accepção da palavra) sustendo o passo, de olhos fitos nas serranias do horizonte, já então esmaecido em lindos e indiscriptiveis tons violaceos deixou fugir uma idéa que lhe aflorou sorrindo aos labios:

— Ahi está um serviço que eu seria capaz de prestar ao Brasil.

#### XXVI—As duas ultimas glorificações.

ALPHONSE DAUDET tem um conto lindamente suggestivo: «*La legende de l'homme à la cervelle d'or.*»

Trata-se de um joven que nascera com a cabeça de ouro e, quando vem a descobrir que é senhor de tal riqueza, sahe pelo mundo a esbanjal-a.

Um dia casa-se com uma creaturinha adoravel e exigente, a quem liberaliza conforto e luxo principescos até que se exgota a curiosa mina. Entretanto, morre-lhe a mulher, e o infeliz mancebo, no auge de uma paixão delirante, suppondo ainda servir aos caprichos de sua amada, dilacera com as unhas o craneo carcomido e, semi-morto, arranca as ultimas esquirolas douradas, cheias de sangue...

Fôra do mundo da fantasia, não haverá homens assim?

\*  
\*\*

Desde longa data o Mestre soffria de uma nephrite chronica. Mas só Elle conhecia o seu estado, que tratava de occultar cuidadosamente a todos, mórmente a familia.

Assim, aquelle organismo desfalcado de forças phisicas tinha sobre si responsabilidades tremendas, que sustentava impavidamente, como si fôra o individuo mais robusto que houvesse sobre a Terra.

De repente, porém, n'uma noite de Novembro de 1908, sobreveiu-lhe uma crise agudissima que revelou aos olhos dos medicos amigos — Drs. SALLES GUERRA e CARLOS CHAGAS — o verdadeiro gráu de adiantamento da molestia. Foi um ataque de uremia.

Cedendo então aos rogos de tantas posssoas queridas, consentiu em adoptar o regime dietetico adequado, que, como é sabido, consiste em supprimir total-

mente o sal dos alimentos. Uma vez resolvido a esse sacrificio, acceitou-o com a sua habitual força de vontade, adaptando-se sem relutancia ás intragaveis comidas insulsas. Note-se, contudo, que para isso devia ter concorrido a sua natural frugalidade, pois n'esse particular só lhe conheceramos uma predilecção: pelos doces. Por bem dizer, era o assucar, que o alimentava. As refeições, comia muito pouco; mas chegando á sobremeza, acceitava todas as variedades de doces que lhe offereciam. E até na sua meza de trabalho, por entre livros, papeis e os inseparaveis vasos de flores escolhidas, encontrava-se tambem uma artistica *bonbonière*, onde nunca faltavam confeitos exquisitos que o original *gourmet* ia saboreando enquanto meditava as suas obras gloriosas.

---

Depois da mencionada crise, equilibrou-se-lhe relativamente a saúde, de sorte que ainda lhe foi possivel a conclusão de varios empreendimentos de valor, taes como a campanha anti-amarillica do Pará, a representação brasileira no Congresso da Hygiene de Dresde, a installação definitiva do Instituto Oswaldo Cruz, fundando a sua escola scientifica de modo definitivo — moral, intellectual e materialmente.

Mas não foi longo o periodo de treguas concedido pelo mal.

Em principios de Agosto de 1906 sobreveiu-lhe um edema pulmonar. E nunca mais se restabeleceu o equilibrio n'aquelle organismo talado pela doença e consumido pelo trabalho. Emmagreceu, a tez tornou-se-lhe engelhada, côr de cera; angustiava-o uma dyspnéa frequente; o coração sempre a baquear; o brilho dos olhos a pouco e pouco desapparecendo; emfim, aquella compleição aparentemente vigorosa entrou a decahir, desfigurando-o a ponto de não parecer o mesmo homem.

Sem embargo do grave estado de cachexia cardiorenal, o grande perdulario, á maneira do moço *à la cervelle d'or*, no seu extremado amor á Patria, acceita ainda o convite do governo fluminense para assumir a direcção da Prefeitura de Petropolis.

Por um milagre de energia moral, o que lhe falta em vigor physico é sobejamente compensado pela fortaleza de espirito. Immediatamente, toma como secretario o Dr. J. PEDROSO, seu antigo companheiro na Saúde Publica; delinêa e inicia em parte um plano de remodelação e embellezamento da pitoresca cidade; estabelece normas de economia e moralidade administrativas, expungindo a praga da politicagem, actuando com a mesma clarividencia, o mesmo animo do luctador de outros tempos.

Tanto basta que para certos elementos de um *partido* local, particularmente vulnerado por taes medidas, desenvolva contra o Prefeito a mais deshumana das campanhas opposicionistas que jamais se pode conceber. Para isso, mercê da chamada liberdade de imprensa, que desgraçadamente prospera á sombra das nossas leis, o referido grupinho monta um jornaleco e todos os dias se deleita a conspurcar os louros de um sabio benemerito.

A despeito de tudo, o administrador caminha desassombradamente e idealiza um programma que por nossa desdita desappareceu com a mente que o architecta, mas que deveria ser uma especie de codigo municipal, um perfeito paradigma para todas as edilidades nacionais e até estrangeiras.

Infelizmente o *morbus* ia em fatal progressão que Elle cada vez mais dissimulava no seio da familia, procurando sempre poupar-lhe os soffrimentos Moraes que lhe causaria o seu irremediavel padecer.

Mas um dia, ao limpar os oculos desgraciosos que passara a usar e que

tanto lhe desfiguravam o bello semblante varonil, disse a CARLOS CHAGAS, n'um minuto de excepcional e dolorosa confidencia:

— Está tudo perdido. Agora é o descollamento da retina...

Sem que ninguem soubesse, o Mestre estava cego de um dos olhos! E para subtrahir mais essa dôr aos seus, conseguiu occultar-lhes o triste facto até ao fim, com uma cautela e uma serenidade nunca vista.

No emtanto, a morte approximava-se com todo o seu cortejo de torturas, das quaes as que o martyrisavam mais cruelmente eram os longos accessos, de soluços, que o prostravam insomne e exausto. Entrementes, a cachexia accentuava-se. A respiração e o pulso perdiam completamente o compasso. Por fim, o gigante tomba no leito para não mais se erguer. Não obstante, ainda lhe restam as derradeiras energias para cumprir os deveres do seu cargo, e lá lhe vae ter ás mãos, todos os dias, o expediente que Elle assigna graças a um esforço que a qualquer outro seria impossivel.

Mas como tudo tem um limite, e o affecto sempre foi uma das poucas armas efficazes contra aquelle espirito intransigente, conseguem os infatigaveis medicos que o doente passe o exercicio ao substituto legal.

\*

\*\*

Acabam de soar as nove badaladas no convento dos Franciscanos.

N'um tranquillo recanto da rua Montecaseros, com frente para a collina onde se acha o cemiterio, demora um solar antigo situado n'um jardim florido de hortencias. Um lustre encarnado, ao alto da varanda cingida de trepadeiras rubras, illumina suavemente as escadarias. No salão de visitas, tambem vermelho, tudo é silencio e escuriddão. Na sala de jantar algumas pessoas cabisbaixas falam á surdina, pisando na pon-

ta dos pés. Ao lado, n'um quarto, á luz mortica de um *abat-jour*, jaz extendido ao leito o vulto offegante de um homem.

Subito, ao longe rebôa um alarido confuso. O doente entreabre os olhos, ergue a cabeça como quem procura distinguir melhor a algazarra. O cansaço, porém, fal-o tornar á primitiva posição. Mas, a atoarda recomeça mais forte, chegando distinctamente ao aposento, apesar dos esforços da familia, que corre a fechar todas as portas e janellas, com o intuito de sustar aquella invasão de sons estridentes e desordenados. O enfermo, todavia, mais uma vez alça a fronte, aguça o ouvido e indaga:

— Que barulho é esse?

E logo um coração amigo informa-lhe sorrindo:

— É o carnaval: um *cordão* que passa a tocar o *Zé-pereira*.

O Mestre retruca apenas com um ar de incredulidade.

N'esse mesmo momento, sóbe n'um crescendo a extranha musica de pancadaria. Escutam-se perfeitamente grosseiros estridulos que repercutem com vehemencia. O doente reprime a custo a dyspnéa e, n'um olhar em que revive por instantes a chamma de outr'ora, diz aos circumstantes:

-- É uma manifestação...

Era-o, de facto; mas as latas de kerozene e gritos da ralé, que n'um offertorio de gentilezas proprias de hyenas excitadas vinha trazer ao ex-Prefeito o testemunho do seu regosijo pela provavel restituição do governo municipal a camarilha que o explorava. Era a politica de campanario em toda a sua hediondez macabra, n'um esganiçar de abutre impaciente. Era o tropel dos estercorarios que avançavam pressurosos com o adubo moral para a vivificação da Arvore da Immortalidade que em breve havia de emergir da sepultura de um heroe.

— — —  
Dias depois, n'aquelle mesmo silen-



cio triste da rua Montecaseros, ouvem-se as nove badaladas nocturnas do convento dos Franciscanos.

Na ante-sala, conchegados como um grupo de aves timidas ao presentir uma tormenta, estão SALLES GUERRA, CHAGAS, PEDROSO, BELISARIO PENNA e membros da familia. Conversam sobre a crueldade da agonia que se estira n'um longo estado comatoso; rememoram-se beneficios recebidos d'aquelle discreto coração; recapitulam-se todos os valores da vida prestes a extinguir-se; lamenta-se a grande desgraça que vae abater o Brasil. E como que a resumir todos os conceitos, n'uma concisão admiravel, salientava-se uma phrase commovida de SALLES GUERRA:

— Foi o homem mais perfeito que até hoje tenho conhecido.

Era a voz da Posteridade que se antecipava na sua real e nobre glorificação.

Dez minutos depois expirava OSWALDO CRUZ.

#### XXVII—Um pouco de genealogia.

Não sendo commum, entre nós brasileiros, o uso dos archivos de familia, não nos foi possivel investigar completamente, por falta de tempo, a formação do grande tronco genealogico de onde proveiu OSWALDO CRUZ. O pouco, que conseguimos, devemos á obsequiosidade de varias pessôas da mesma familia e aos esforços do Sr. WALDEMIRO DE ANDRADE, thezoureiro do Instituto, conterraneo do Mestre, a cuja memoria vota acendrado culto de gratidão.—

Só nos foi possivel chegar até aos Avós, que pelo lado paterno são: o Sr. BENTO GONÇALVES CRUZ, negociante de fazendas, á rua do Senado, no Rio

de Janeiro, e D. (\*) GUILHERMINA RIBEIRO FEIJÓ.

Eram relativamente abastados, para aquelle tempo, pois tendo ambos fallecido jovens deixaram cerca de 80 contos aos seus unicos filhos: BENTO: (Pae de OSWALDO) e Emilia, que ficaram orphãos em tenra idade. Esta mais tarde casou-se e foi morar na provincia, onde morreu logo após, sem deixar descendencia.

Os dois menores foram creados pelo tio materno, Sr. JOSÉ PINTO DE MAGALHÃES, tambem negociante de fazendas, á mesma rua, e sua Esposa D. GERTRUDES MARIA GOMES DE MAGALHÃES, os quaes não tinham filhos. Infelizmente, o tutor não teve sorte no commercio, perdendo não só os seus haveres como a propria fortuna dos tutelados. Entretanto, na consideração que o Dr. B. CRUZ dispensava aos seus Paes adoptivos, chegando a convidal-os para padrinhos do seu primogenito; no carinho que o Mestre e todos os seus prodigalizavam á Viuva MAGALHÃES está a melhor prova de que a bôa senhora soube ser um modelo de segunda Mãe.

Comtudo, não foi sorridente a vida dos dous irmãosinhos. A orphandade e a pobreza se ajuntaram para tornal-a amargurada, especialmente a do Dr. BENTO, que tinha a vencer obstaculos innumeraveis para attingir á posição que conquistou, mercê dos seus exclusivos esforços.

O Dr. BENTO GONÇALVES CRUZ nasceu na cidade do Rio de Janeiro, á rua do Senado, aos 30 de Janeiro de 1845. Ainda estudante de medicina, of-

(\*)—Foi esse o nome que encontramos na certidão de casamento do Dr. BENTO GONÇALVES CRUZ. Mas este, na sua these inaugural, dá differentemente o nome sua Mãe: D. GUILHERMINA PINTO GONÇALVES CRUZ. É quasi certo que a verdade esteja deste lado, não só porque merece toda fé a palavra do Dr. B. CRUZ, como tambem porque se chamava JOSÉ PINTO DE MAGALHÃES o irmão da mesma senhora.

fereceu seus serviços á Patria, por occasião da guerra contra o tyranno LOPES. Aceitou-os S. M. o Imperador, nomeando-o «alumno pensionista do Exercito em operações contra o governo do Paraguay» e designando-lhe dia de embarque. A hora da partida, porém, lá não appareceu o moço voluntario, o que muito contristou os seus collegas OSCAR BULHÕES e FURQUIM WERNECK, que tambem honraram o nome brasileiro. Convencidos de que o seu companheiro faltara ao cumprimento do dever, os ditos estudantes permaneciam quedos ao pé da amurada, quando de subito divisaram ao longe um escaler a todo o panno, com um passageiro a fazer angustiosos signaes para bordo. Assestados os binoculos, reconheceram o seu condiscipulo faltoso. Immediatamente procuraram o commandante, puzeram-n'o ao par da occurencia, e dentro em pouco o retardatario chegava ao portaló subindo por uma escada de cordas. Soube-se então que o joven official do corpo de saúde custara a vencer as derradeiras resistencias da familia, que elle não quiz deixar sem tranquillisar affectuosamente.

Depois foi BENTO CRUZ, ainda estudante, transferido para a Marinha de guerra, no posto de «2º cirurgião contractado da Armada Imperial», recebendo por fim uma condecoração pelos relevantes serviços prestados: a medalha da campanha do Paraguay.

Aos 30 de Novembro de 1870 sustentou these perante a Faculdade de Medicina, tendo dissertado sobre «Diagnostico differencial das molestias do coração», com proposições sobre «topographia e climatologia da cidade do Rio de Janeiro (cadeira de hygiene)», sobre «urethrotomia (cadeira de operações)» e «estudo chimico das aguas potaveis (cadeira de chimica mineral)». Entre as diversas dedicatorias se contavam uma especial ao Prof. TORRES

HOMEM, de quem fôra discipulo e amigo.

Terminado o curso, após tantos e tão differentes trabalhos e luctas, pensou o Dr. CRUZ em iniciar a clinica no interior de uma das provincias proximas da Côrte. Sabedor d'isso, o seu amigo e collega Dr. CANDIDO JOSÉ RODRIGUES DE ANDRADE convidou-o para irem juntos a S. Luiz do Parahytinga, onde exercia as funcções de juiz municipal o seu irmão Dr. JOÃO CANDIDO ROGUES DE ANDRADE, austero magistrado e magnanimo cidadão, em cuja casa se hospedaram. Após 3 mezes de experiencia, voltou o novel clinico ao Rio, onde se casou com sua prima-irmã D. AMALIA TABORDA DE BULHÕES, aos 7 de Outubro de 1871, na matriz de S. Antonio.

Sua Esposa era filha legitima dos professores publicos, Sr. PEDRO CORREA TABORDA DE BULHÕES e D. ZEFERINA JOSEPHA PINTO DE BULHÕES, ambos residentes em Petropolis, onde nascera D. AMALIA, aos 13 de Novembro de 1851. Realizado o casamento, installou-se o casal em S. Luiz, começando o Dr. CRUZ a sua vida afanosa, já agora edulcorada pela presença de um anjo domestico, pois D. AMALIA foi verdadeiramente prototypo da heroína do lar e da companheira amantissima.

D'esse feliz consorcio, nasceram, ainda em S. Luiz: OSWALDO, aos 5 de Agosto de 1872; EUGENIA, fallecida em tenra idade; AMALIA, que mais tarde veiu a se casar com o Dr. JOAQUIM CANDIDO DE ANDRADE, eximio gynecologista, amigo inseparavel de OSWALDO e já fallecido. Depois, no Rio de Janeiro, vieram á luz: ALICE, hoje viuva do Sr. SAMUEL FERREIRA DOS SANTOS, distincto chefe da contabilidade da Prefeitura; NOEMI, casada com o grande pintor J. BAPTISTA DA COSTA, director da Escola Nacional de Bellas Artes; HORTENCIA, já fallecida, que

Foi esposa do honrado negociante Sr. FRANCISCO RUSSO. Todas as irmãs do Mestre tem descendencia.

Do povoado do Parahytinga, que desde o tempo dos bandeirantes se fundara á margem esquerda do rio do mesmo nome, originou-se a cidade de S. Luiz do Parahytinga, elevada á categoria de séde de municipio por ordem regia de 31 de Março de 1773. Suas terras confinam com as dos municipios de Taubaté, Lagoinha, Cunha, Parahytinga, Natividade e Ubatuba. Dotada de clima delicioso, produz café, fumo, algodão, canna de assucar, mandioca, feijão, etc. Nas suas mattas se encontram excellentes madeiras de construcção e muitas plantas medicinaes, aromaticas, etc. A população do municipio era, até 1916, calculada em 17.800 habitantes, segundo o almanack de LAEMMERT, de onde tiramos esses dados.

O predio onde nasceu o Mestre fica na parte alta da cidade, na rua que tem o nome de OSWALDO CRUZ. É uma construcção terrea bem antiga, sem estylo nem gosto, como a maioria das moradas que os portuguezes edificavam nos tempos coloniaes.

S. Luiz apresenta o mesmo aspecto somnolento das cidades antigas do interior do Brasil: todas as casas com um feitio mais ou menos uniforme, caiadinhãs de branco, cobertas por velhas e ennegrecidas telhas, romanas, sem platibandas, com janellas pesadas do typo « guilhotina », sempre ermas e tristonhas, no remanso de uma paz silenciosa.

Não conhecemos, infelizmente, a cidadezinha onde nasceu OSWALDO. Mas tudo nos leva a crer que ella tem o mesmo encanto suave, languido e poetico das outras pobresinhas, suas irmãs nossas conhecidas, que procuram esconder a decadencia do presente nas saudades das grandezas perdidas do pas-

sado. N'um estylo inconfundivelmente primoroso, já MONTEIRO LOBATO as pintou todas—as queridas « cidades mortas »—sem se esquecer de as malferir com a sarça-ardente da sua ironia scintillante. Tudo tambem nos leva a crer que a celebrada « onda verde » por ali passou, talvez, ha bastante annos, levando ao municipio as asperas terras resequidas, e ao villarejo alguns sobrados vãos, para acampar mais ao sul, sempre na faina da sua opulencia transitoria e destruidora.

Sim, o Mestre, como o Nazareno, nasceu humilde para esparzir pelo mundo as munificencias do seu espirito. E é justamente por isso que os seus fieis amigos e discipulos vão agora levar á soledade do seu torrão natal aquelle mesmo carinho que os bons filhos tributam ás mãesinhas velhas e pobres, restaurando-lhes as forças ao calor do conforto moral que ás vezes opera milagres imprevistos.

\*  
\*\*

Em S. Luiz morou o Dr. CRUZ até 1877, anno em que se transferiu para o Rio, tendo ido clinicar no bairro do Jardim Botânico.

Aos 26 de Janeiro de 1886 foi nomeado, por D. PEDRO II, Membro da Junta Central de Hygiene Publica; aos 5 de Fevereiro de 1890 o governo provisório nomeou-o para o lugar de Ajudante do Inspector Geral de Hygiene; enfim, aos 12 de Janeiro de 1892, foi promovido a Inspector Geral, (\*) cargo em que falleceu, no dia 8 de Novembro do mesmo anno.

Para dar uma idéa da sua personalidade, transcrevemos alguns trechos do necrologio publicado por um dos jornaes da epoca (« O Figaro »):

(\*)—Esse cargo correspondia ao de Director geral de Saúde Publica. E essa coincidência era muito grata ao coração do Mestre.

« Enlutou-se hontem a sociedade fluminense com o fallecimento do caritativo e venerando medico que ultimamente presidia a repartição de Hygiene Publica.

Não foi essa uma perda vulgar para a sciencia e para a sociedade.

O Dr. CRUZ, á custa dos esforços propios e devido ao seu valor individual, conseguiu a ultima posição que occupava. No pouco tempo que geriu a Inspectoria de Hygiene captivou em torno de si a sympathia geral de quantos se cercaram de sua pessoa e iam ao seu gabinete buscar ordens e conselhos.

Dotado de um coração bondoso em extremo, de uma affabilidade natural em todos os seus actos e palavras, peccando antes por nimia complacencia que por natural rigor, o Dr. BENTO GONÇALVES CRUZ recebia com especial carinho os moços, animando-os a proseguir, si estudavam e cumpriam seus deveres; incitando-os, si descuravam um pouco de suas obrigações.

Era para elle um prazer ineffavel conversar alguns minutos com os medicos da nova geração. A sua organização gasta e depauperada pela lucta da vida encerrava entretanto uma alma joven.

Palpitava-lhe o coração, illuminava-se-lhe brilhantemente o olhar, quando se deixava arrebatado na descripção das modernas descobertas scientificas. As suas cans respeitaveis não o inhibiam de estudar sempre e acompanhar o progresso moderno com verdadeiro entusiasmo.

Tal era o homem a quem OSWALDO deveu o ser.

Parece-nos, portanto, que esse varão de raro valor não foi devidamente comprehendido pelos seus contemporaneos. Mas, em parte, isso se explica pela modestia, que lhe era incorrigivel; em parte, pela incessante lucta que teve de sustentar contra a adversidade, desde

que na infancia se viu orphão de pae e mãe.

E tantos esforços, tantos trabalhos, tantas privações para chegar á meta dos seus sonhos, no mesmo anno em que devia morrer. (\*)

Agora, sim, podemos comprehender integralmente um trecho tão delicado quão suggestivo de uma carta intima da primogenita do Mestre:

« Quando eramos muito creanças, BENTO e eu, pediamos a Papae para nos contar historias tristes, e era sempre um episodio da vida de Vovô que Elle nos contava ».

OSWALDO aprendeu as primeiras letras com sua Mãe, e aos 5 annos já lia correntemente; depois estudou no Collegio LAURE e em seguida matriculou-se no Collegio S. PEDRO DE ALCANTARA, onde teve por professores ZEFERINO CANDIDO, JOÃO CHAVES e outros. Fez todos os preparatorios, parceladamente, no Externato D. PEDRO II, e venceu o curso medico em 4 annos, collando grau aos 24 de Dezembro de 1892, no mesmo anno da morte de seu Pae.

Aos 5 de Janeiro de 1893 casou-se com D. EMILIA DA FONSECA, filha do fallecido Commendador MANOEL JOSÉ DA FONSECA e D. ELISA DA CUNHA FONSECA, que lhe sobrevive.

Privado de um Pae como ha poucos, OSWALDO teve em compensação a bondade generosa dos Sogros, que lhe facilitaram os estudos na Europa e o inicio da carreira profissional, já não falando no grande affecto que sempre lhe prodigalizaram e a que Elle sabia tão nobremente corresponder.

Do seu consorcio o Mestre houve 6 filhos: ELISA, casada com o Dr. JOAQUIM VIDAL LEITE RIBEIRO, medico; Dr. BENTO OSWALDO CRUZ, medico

(\*)—Sua Esposa falleceu aos 16 de Dezembro de 1921, isto é, 29 annos depois.

e industrial; HERCILIA, nascida em Paris, mas registada no Consulado Brasileiro; OSWALDO, 3º annista de medicina; ZAHRA, fallecida com cerca de 2 annos de idade; WALTHER, estudante de preparatorios.

Elle não teve a alegria de conhecer os netinhos: OSWALDO, filho do Dr. J. VIDAL, e HELOISA, do Dr. BENTO OSWALDO, que é casado com D. MARIA LUIZA PROENÇA CRUZ.

#### XXVIII—Ultimas vontades (\*).

« Desejo com sinceridade que se não cerque a minha morte dos atavios convencionaes com que a sociedade revestiu o acto da nossa retirada do scenario da vida. Pelo respeito que voto ao pensar alheio não quero capitular de ridiculos esses actos: julgo-os para mim completamente dispensaveis e espero que a Familia que tanto quero, se conforme com esses inoffensivos desejos que nasceram da maneira pela qual encaro a morte, phenomeno physiologico naturalissimo ao qual nada escapa. Tão geral, tão normal, tão banal é que julgo absolutamente dispensavel de frisal-a com ceremonias especiaes. Por isso desejava que se poupasse aos meus a scena da vestimenta do corpo que bem pode ser envolvido em simples lençol. Nada de convites ou communicações para enterro, nem missa de setimo dia. Nem luto tão pouco. Este traz-se no coração e não nas roupas. Peço encarecidamente aos meus que não prolonguem o natural sentimento que trará minha morte. Que se divirtam, que passeiem, que ajudem o Tempo na bemfazeja obra de fazer esquecer. Não ha vantagem algu-

ma de amargurar com lagrimas prolongadas os tão curtos dias de nossa existencia. Portanto, que não usem roupas negras que além de tudo são anti-hygienicas em nosso clima; que procurem diversões, theatros, festas, viagens, afim de que desfarçam essa pequena nuvem que veiu empanar a normalidade do viver de todos os dias. É preciso que nos conformemos com os dictames da natureza.

A meus filhos peço que se não afastem do caminho da honra, do trabalho e do dever, e que empunhem como fanal e o elevem bem alto o nome puro e honrado e immaculado que herdei como o melhor patrimonio da Familia, e que a elles lego como o maior bem que possuo.

A minha Esposa querida, tão sensivel, tão impressionavel, tão difficil de se conformar com as dores da nossa vida, peço que não encare a minha morte como desgraça irreparavel; peço que se console com rapidez e não deixe annuviado pela dor esse espirito vivaz, intelligente, espirituoso, que constituia a alegria do nosso lar e o lenitivo prompto para os soffrimentos que por vezes deparavamos. Ahi ficam nossos filhos, outros tantos rebentos em que vamos reviver, garantias seguras da nossa immortalidade—que se encarregarão de levar atravez do espaço e do tempo as porções de nosso corpo e de nosso espirito de que os fizemos depositarios, quando ao mundo vieram.

Quanto aos bens de fortuna que deixo, espero que sejam divididos por minha Esposa entre os filhos. Espero e rogo que *nunca* a questão de bens materiaes venha trazer a menor discordia entre os meus: seria para mim a mais dolorosa das contingencias. Peço aos meus filhos que acatem sem discussão a divisão que d'elles fizer minha Esposa ».

(\*)—Muito de proposito, ahi fica sem commentarios esse pequenino codigo de amor, honra e altruismo, deixado pelo Mestre em notas ainda informes, incompletas rabiscadas a lapis. Mesmo no original, cheios de traços incertos e nervosos, observa-se a emoção que n'essa hora suprema conseguiu senhorear aquelle espirito forte e superior, ao pensar nos entes carissimos.